

**Margarete Sampaio Vale**

**Apoio às Famílias na perspetiva dos profissionais brasileiros**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

**Margarete Sampaio Vale**

**Apoio às Famílias na perspectiva dos profissionais brasileiros**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de:

Prof. Doutora Cristina Nunes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

## **Apoio às Famílias na perspectiva dos profissionais brasileiros**

### **Declaração de Autoria de Trabalho**

Declaro ser a autora deste trabalho que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

---

*Margarete Sampaio Vale*

*Copyright* em nome de Margarete Sampaio Vale

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

"Nunca o prazer em aprender deveria ser inteiramente abandonado".

Santo Agostinho

## **Agradecimentos**

Meus agradecimentos a minha orientadora Professora Doutora Cristina Nunes por todo respeito, gentileza, calma e sensibilidade em lidar com minhas dúvidas e também pela enorme capacidade que teve em me orientar na realização deste trabalho.

Agradeço a todos meus queridos professores do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, com os quais tive a felicidade de conhecê-los e ser sua aprendiz. Agradeço por tudo que contribuíram, agregaram e me enriqueceram através de suas disciplinas, organização e suas imensas qualidades de conhecimentos e de conteúdos, eles foram para mim verdadeiros mestres. Saibam que aos meus poucos, 33, anos de prática, não saio da mesma forma como cheguei na Ualg.

Agradeço a todos os colegas e as equipes de profissionais que trabalham no Campus Universitário que em vários momentos me ajudaram nessa trajetória.

Agradeço a todos que passaram por minha vida até aqui, amigos de infância, amigos de escola, amigos de universidade, amigos de trabalhos e de formações. Amigos de vida.

Agradeço toda minha família que, longe de ser perfeita, todos eles sempre me deram o melhor de si mesmos. Agradeço pelos valores da minha origem simples que fundaram a base para minhas escolhas e retidão.

Agradeço muito a oportunidade de ter podido sair de minha zona de conforto, de ter me posto frente a novos contextos e desafios; e ter chegado ao término deste trabalho.

Dedico esse trabalho ao meu filho, meu grande amigo, que esteve sempre ao meu lado, que soube compreender e respeitar esses meus 2 anos de ausência.

Não posso deixar de concluir meus agradecimentos, com muito respeito e gratidão, a todos os profissionais que responderam ao questionário e finalizo meus agradecimentos da seguinte forma.

Parabéns a todos os Profissionais que trabalham em apoio às famílias, por estarem atentos aos detalhes e ao mesmo tempo atentos a dinâmica dentro de uma perspectiva mais ampla. Parabéns a eles que conseguem na boa distancia ver a dinâmica das famílias. a grande informação e o formato que é único, e que trabalham com consciência de que essa dinâmica nunca está acabada, ela é passível de mudanças e lhes cabe a ajudar as famílias nessa observação, e a perceber se é realmente aquilo que pensam e que idealizam como família.

Parabéns por perceberem e fazerem a distinção nas barreiras existentes e encontradas, quais teriam de serem transpassadas e quais teriam de ser respeitadas.

Parabéns pela apropriação de linguagem, apropriação de valores, pelos entendimentos desses valores, entendimento das dificuldades, pelo entendimento tanto de si mesmos quanto das famílias.

Parabéns pelo importantíssimo trabalho!



## **Resumo**

Não existe, até os dias de hoje, uma definição efetiva do conjunto de serviços e de habilidades, nem a sistematização das competências dentro de um quadro conceitual único para servir de estrutura conceitual para profissionais que trabalham ao apoio às famílias e à parentalidade, sem mencionar diretrizes padronizadas. O conhecimento de um modelo de atuação profissional é um ponto de partida para esses conhecimentos de forma a identificar competências, habilidades, sistematizá-las, classificando-as e comparando com diversas outras disciplinas e contextos. Nossa pesquisa tem a proposta de verificar como os profissionais brasileiros percebem esses desafios e os superam. Quais competências, habilidades, processos de aprendizagem e de conhecimento desenvolvem em suas práticas e quais suas perspectivas de suas próprias experiências ao apoio das famílias e da parentalidade.

**Palavras-chave:** Família, Parentalidade, Atitudes e Atributos, Habilidades Técnicas e Conhecimentos Específicos.

## **Abstract**

To this day, there is no effective definition of the set of services and skills, nor the systematization of competencies within a single conceptual framework to serve as a conceptual structure for professionals who work to support families and parenting, not to mention standardized guidelines. Knowledge of a professional performance model is a starting point for this knowledge in order to identify competencies, skills, systematize them, classify them and compare them with various other disciplines and contexts. Our research aims to verify how

Brazilian Professionals perceive these challenges and overcome them. What skills, abilities, learning and knowledge processes do they develop in their practices and what are their perspectives on their own experiences supporting families and parenting.

**Keywords:** Family, Parenting, Attitudes and Attributes, Technical Skills and Specific Knowledge.

## Índice

<b>1.1. Conceito de Família e Parentalidade</b> .....	13
<b>1.1.1. Família</b> .....	13
<b>1.1.2. Parentalidade</b> .....	17
<b>1.2. Modelo Socio-contextual dos Determinantes de Belsky (2006)</b> .....	18
<b>1.3. Serviços de Apoio às Famílias e Princípios de Ação</b> .....	19
<b>1.4. Desafios para o Trabalho de Apoio à Famílias</b> .....	21
<b>1.5. Implicações Jurídicas</b> .....	25
<b>1.6. Profissionais</b> .....	26
<b>1.6.1. Psicólogos/as</b> .....	27
<b>1.6.2. Psicólogos/as Brasileiros/as</b> .....	28
<b>1.6.3. Órgãos Regulatórios Brasileiros</b> .....	29
<b>1.6.4. Código de Ética dos Psicólogos Brasileiros</b> .....	29
<b>1.7. Habilidades dos Profissionais de Apoio às famílias</b> .....	30
<b>1.7.1. Atitudes/Atributos</b> .....	31
<b>1.7.2. Habilidades Técnicas</b> .....	31
<b>1.7.3. Conhecimento Específicos</b> .....	33
<b>2. Objetivos</b> .....	34
<b>2.1. Pergunta da Investigação</b> .....	35
<b>2.2. Justificação da Necessidade do Estudo</b> .....	35
<b>3. Método</b> .....	37
<b>3.1. Participantes</b> .....	37
<b>3.2. Instrumentos</b> .....	38
<b>3.3. Procedimentos</b> .....	39
<b>3.3.1. Procedimentos de recolha tratamento dos dados</b> .....	39
<b>3.3.2. Tratamento dos Dados</b> .....	40
<b>4. Resultados</b> .....	42
<b>4.1 Qualitativos</b> .....	42
<b>4.1.1 Participantes</b> .....	64
<b>5. Discussão</b> .....	68
<b>6. Conclusões</b> .....	71
<b>7. Referencias Bibliográficas</b> .....	73
<b>8. Anexos</b> .....	82

## 1. Introdução

As famílias, independentemente de sua classificação funcional ou não, em momentos diferentes, apresentam necessidades diferentes de apoios, sejam psicológicos, sociais, necessidades de informação, de orientação, de encaminhamentos, de aprender a gerenciar seu patrimônio, de aprender, nos casos mais graves, a superar abusos e maus-tratos.

Para cada uma dessas necessidades existem muitos profissionais, são psicólogos, pedagogos, psicopedagogos, assistentes sociais, educadores, entre outros. Sem mencionar e de grande importância, ainda temos os que mesmo não tendo diplomas universitários e formações distintas, estão no enfrentamento por essas famílias e na promoção de mudanças (Fermino&Patrício, 2009).

As diversas origem das formações desses profissionais torna ainda mais difícil a definição e a categorização de suas competências e habilidades ao apoio às famílias e à parentalidade (Bem&Wagner, 2006). Acreditamos que existam em cada área de atuação, treinamentos acordados para competências e habilidades exigidas e necessárias, contudo não é evidente que todos recebam esse treinamento e nem que sejam padronizados.

Muitos profissionais, tão logo acabam suas formações, são inseridos em desafios sem qualquer experiência específica (Lopes & Cavalcanti, 2014).

Os métodos, critérios, protocolos são dados e adquiridos através de respostas imediatas e urgentes aos problemas, o que leva ao prejuízo de se ter um conjunto de critérios uniformes e de um planejamento contínuo com metas a longo prazo (Vieira, 2009).

Os serviços e programas de apoio às famílias são diferentes em todo o mundo, devido aos diferentes quadros econômicos, diferentes políticas públicas e culturais, o que torna ainda mais difícil a identificação e comparação (Vida & Silva, 2022).

“O apoio familiar envolve tanto um conjunto de atividades, como uma abordagem à prática que encoraje redes sociais formais e informais através de programas integrados. Estes programas combinam profissionais às agências e serviços estatutários, voluntários ou privados” (Dolan et al., 2020, p.16).

“Ao mesmo tempo em que o foco principal destes serviços é a intervenção precoce com o objetivo de promover e proteger a saúde, bem como o de bem-estar e os direitos de todas as crianças, jovens e as suas famílias, é dada uma atenção especial às crianças, às pessoas que são vulneráveis ou que estão em risco” (Dolan et al., 2006, p. 16).

Nossa pesquisa tem a proposta de verificar como os profissionais brasileiros percebem esses desafios e os superam. Quais competências, habilidades, processos de aprendizagem e de conhecimento desenvolvem em suas práticas e quais suas perspectivas de suas próprias experiências ao apoio das famílias e da parentalidade.

Tendo em conta a quantidade de profissionais brasileiros na rede de apoio às famílias e a limitação de tempo deste trabalho, nos detivemos aos profissionais de formação e de prática em Psicologia.

## **1.1. Conceito de Família e Parentalidade**

### **1.1.1. Família**

Para entendermos o que seria o trabalho de apoio às famílias e quais as habilidades necessárias, precisaríamos começar pela definição de família.

A definição de família pode variar em função do objetivo da política pública que se quer executar o trabalho, no entanto, é possível delimitar a natureza específica da família a partir dos tipos de vínculos ou relações que a constituem e se mantêm em diferentes contextos históricos e culturais.

Segundo estudos antropológicos sobre várias sociedades humanas, na família se encontram três tipos de relações de parentesco: afinidade-aliança, parentalidade-filiação e consanguinidade, porém nem toda família apresenta os três tipos de relação, mas em geral a trajetória das famílias está relacionada a um ou mais dos três. (Ministério dos Direitos Humanos, 2022).

Nas relações familiares nascem vínculos, deveres, hábitos de cuidado e afeto, que manifestam várias dimensões da relação. Nesse sentido, a família pode ser definida como uma estrutura social que vincula as pessoas, seus membros, em um projeto de vida comum no qual a relação horizontal entre as figuras parentais ou monoparentais se entrecruza com a relação vertical entre as gerações, tanto descendentes quanto ascendentes (Ministério dos Direitos Humanos, 2022).

Portanto, o que caracteriza a estrutura familiar não é simplesmente relações estabelecidas de modo arbitrário e facilmente descontinuadas, mas sim a existência de vínculos de reciprocidade e responsabilidade permanentes, baseados em um conjunto de comportamentos de doação e de compromisso mútuos, que dão origem as obrigações, social e legalmente reconhecíveis (Ministério dos Direitos Humanos, 2022).

O fortalecimento dos vínculos familiares é o principal trabalho para a prevenção, proteção, promoção e manutenção das famílias. O núcleo familiar e a família alargada estão em destaque como espaço fundamental para se realizar os apoios, em especial quando são os próprios laços familiares onde apresentam os fatores de proteção ou fatores de risco (Dessen & Poonia, 2007)

A família também pode ser descrita, levando em conta políticas públicas que querem promover, a autonomia, a capacidade e a responsabilidade das famílias, no que se refere a sua atuação na promoção da qualidade de vida e do desenvolvimento dos seus membros.

Nesse sentido, as políticas públicas devem ser regidas pelo princípio da subsidiariedade, segundo o qual as esferas sociais mais próximas da pessoa (como a família alargada ou a comunidade local) devem sempre ser apoiadas, e nunca substituídas pelas esferas mais distantes e sem vínculos.

Em outras palavras, as políticas públicas de apoio às famílias devem fortalecer o protagonismo e as capacidades das famílias, criando competências e autonomia, sem pretender tomar o seu lugar.

As relações familiares constituem a fonte do recurso pessoal e comunitário tão importante, que pode ser utilizado para beneficiar a sociedade como um todo. “As relações familiares são bens intangíveis e não-materiais, que surgem da própria relação interpessoal na qual duas ou mais pessoas cultivam as dimensões dessa relação, com o cuidado, o afeto, a confiança, a cooperação” (Donati, 2019).

A permanência, a intensidade, as atitudes de cuidado mútuo e de reciprocidade que a relação familiar promove permitem que o ser humano aprenda a confiar no outro, aprenda a respeitar as normas, a respeitar as autoridades familiares e sociais. O fortalecimento dos próprios vínculos entre os membros reflete e está na origem a um padrão positivo de cidadania e de colaboração social (Ministério dos Direitos Humanos, 2022).

Rocha et al., 2011 descreve alguns aspectos inerentes a família que estão descritos aqui abaixo:

- Confiança: a família é chamada de instituição de confiança da sociedade não só porque a comunidade lhe confia a tarefa única e insubstituível do cuidado e da educação dos

filhos, mas porque a família é o lugar primário no qual se forma a confiança interpessoal e comunitária;

- **Cooperação:** de suas atividades cotidianas que são compartilhadas de acordo com a capacidade de cada membro;
- **Reciprocidade:** o que quer dizer que as relações familiares não têm o caráter de trocas contratuais e/ou econômicas, não tem o caráter de prestação de serviços em obediência a uma legislação externa, mas são antes de tudo marcadas pelas trocas recíprocas de respeito e cuidado.

Zerbetto et al. (2018) classifica alguns outros contextos e outros aspectos que influenciam os vínculos familiares e suas relações:

- **Ambientais** - dizem respeito à maneira como a cultura e as normas sociais implícitas ou explícitas influenciam o comportamento de membros da família;
- **Sociais** - que dizem respeito à maneira como o ambiente social influencia a família e vice-versa, seja pela presença ou ausência de um vínculo significativo entre seus membros e pessoas externas, como também a valorização ou não desses suportes;
- **Pessoais** - que dizem respeito às características pessoais de seus membros, que podem ser positivas ou negativas como a dificuldade de tomar decisões, baixa autoestima, tendência ao isolamento, dificuldade de pedir ajuda e histórico familiar de abuso de substâncias;
- **Habilidades de Vida** - é um conjunto de habilidades que englobam a capacidade de apreciar e respeitar os outros, de criar relações positivas com a família e amigos, de ouvir e de se comunicar eficazmente, de confiar nos outros e de assumir responsabilidades e

- Crenças normativas - é o processo no qual a crença em algo, se torna a norma que rege o comportamento. Se esta crença for baseada em informações ou interpretações equivocadas da realidade, possivelmente não será adequada.

### **1.1.2. Parentalidade**

A noção de parentalidade foi introduzida no final dos anos de 1950 pelo psicanalista americano Thomas Benedekt. O autor criou o termo parenthood, retomado por Paul Racamier, em 1961, na França, como «parentalité».

A parentalidade é um processo de desenvolvimento de mães e de pais, que não se foca apenas num papel ou função, mas sim num processo complexo de maturação psicológica (Pereira & Alarcão, 2014), sendo uma das funções centrais da vida de muitos adultos (Valente, 2009).

“Sendo assim, falar de parentalidade, reporta para o estado ou qualidade de ser mãe ou pai, o que implica uma experiência subjetiva de se tornar um desses personagens e desempenhar esse papel, por isso a parentalidade é vista como uma tarefa complexa, difícil e desafiadora, revelando-se como uma das que demandam maior responsabilidade ao ser humano, ao longo da sua vida” (Almeida, 2015, p. 9).

O impacto da parentalidade sobre a trajetória de vida das pessoas faz com que este processo seja uma das transições normativas mais importantes das mulheres e dos homens ao longo do seu ciclo vital (Hidalgo, 1998; Feinberg, 2003; Amazonas & Braga, 2006)

A transição em que o casal passa de uma díade para um grupo com mais elementos, envolve muitas mudanças estruturais e funcionais.

As primeiras, estruturais, incluem o surgimento de dois novos subsistemas: o parental e o filial; enquanto as segundas, funcionais, englobam mudança geracional de filho/a para pai/mãe, sem mencionar a complexificação e reestruturação de papéis (Canavarro & Pedrosa, 2005; Amazonas & Braga, 2006; Ribeiro, 2007).

A parentalidade se sustenta fundamentalmente, segundo Lopes et al., 2011, em cinco aspectos:

- Se espera que os pais tenham capacidade de compreender as necessidades da criança em termos físicos e de garantir sua segurança,
- Se espera que os pais tenham capacidade de promover o seu correto desenvolvimento e comportamento,
- Se espera que os pais tenham capacidade de estimular positivamente seus filhos,
- Se espera que os pais tenham capacidade de aprender a melhor comunicação com os filhos de forma respeitosa
- Se espera que os pais tenham capacidade de adequar a aplicação dos princípios de disciplina e educação baseados no respeito mútuo, sem excesso de permissividade e nem de autoritarismo. Espera-se que na forma de educar deva ser realizado um espaço para limites e regras, mas também para a comunicação, para a empatia, para o afeto e o carinho; como também capacidade em motivar a criança a adotar bons comportamentos e a crescer de forma saudável.

## **1.2. Modelo Socio-contextual dos Determinantes de Belsky (2006)**

O Modelo de *Belsky* presume que o comportamento de parentalidade está diretamente influenciado por três determinante, são eles:

- Fatores individuais dos pais (personalidade),

- Fatores individuais da criança (temperamento),
- Fatores sociais, que é o contexto mais alargado, de onde ocorrem as trocas pais-criança-meio (ocupação profissional parental, redes de suporte social).

Segundo o modelo de *Belsy*, os pais que apresentam fatores individuais com elevados índices de extroversão, amabilidade, abertura a novas experiências e consciência, resultam um padrão educativo de maior suporte, maior responsividade e maior estimulação intelectual.

Contrariamente, os fatores individuais da criança, com um temperamento mais difícil (maior negativismo, irritabilidade ou pouca sociabilidade), podem despertar comportamentos parentais de maior hostilidade, menor responsividade e menos sensibilidade com a criança.

Os fatores sociais, por sua vez, estão relacionados a importância da coesão e da organização social. Estes fatores têm implicações e importância para a existência de redes de suporte informal e para a prevenção dos ambientes de risco e de perigo.

*Jay Belsky*, a partir da observação dos sistemas de proteção e de ameaças à parentalidade e, tendo em conta os 3 determinantes acima descritos, acredita que desde que os recursos individuais, personalidade e psicológicos do funcionamento parental permaneçam atuantes, mesmo que outros determinantes estejam em risco, este fator por si só já garante consequências positivas para as crianças e, desta forma, elas estariam mais asseguradas.

### **1.3. Serviços de Apoio às Famílias e Princípios de Ação**

Segundo Lopes et al. (2011), a promoção de uma parentalidade positiva implica em uma mudança ambiciosa no desempenho dos profissionais e na organização dos serviços de apoio à família.

Isto implica embarcar num processo de mudança e uma busca de qualidade que lhes permita pôr profissionais e serviços para satisfazer as múltiplas necessidades das famílias na sociedade de hoje.

As propostas deste trabalho (Lopes et al. 2011) em apoio às famílias se baseiam nos seguintes princípios de ação:

- Salvar e garantir os direitos dos menores e das famílias, que é salvar e garantir os direitos, tal como estabelecido nos quadros legais em vigor, proporcionando às crianças um ambiente estável e seguro no qual elas possam ter supridas suas necessidades básicas físicas, emocionais, sociais e cognitivas;
- Encorajar os serviços sociais municipais a agir proativamente e não apenas reativamente face a situações familiares que possam surgir;
- Garantir e promover a preservação da família e dos laços afetivos existentes nas famílias, apoiando as famílias a criar um ambiente educativo mais adequado aos seus filhos;
- Promover nos profissionais uma visão positiva das competências da família, a fim de identificar e promover no contexto básico encontrado, o desenvolvimento da criança;
- Adotar um ponto de vista mais comunitário e preventivo ao considerar a família como parte integrante da comunidade, o que exige que as comunidades sejam mais reativas e cooperativas na proteção;
- Reforçar uma rede local de serviços e recursos próximos das famílias para satisfazer as múltiplas necessidades das famílias e das crianças ao seu cuidado, de modo que possam exercer a parentalidade responsável;
- Incentivar a colaboração, o empoderamento (responsabilização) e a promoção da autonomia das famílias no serviço;
- Respeitar os princípios ético e profissional definidos.

#### **1.4. Desafios para o Trabalho de Apoio à Famílias**

Os serviços de apoio às famílias lidam com uma gama muito ampla de situações familiares que vão desde situações normais ou mesmo de baixo risco, as quais requerem apoios pontuais; até as situações de médio e alto risco que requerem outros apoios para além destes.

Percebemos que as famílias, que apresentam problemas complexos e graves, carecem de uma boa articulação entre os serviços de apoio (Matos & Sousa, 2004). Elas precisam do envolvimento simultâneo de diferentes sistemas:

- Do sistema escolar, onde são percebidas situações de absentismo, problemas de comportamento e problemas de integração escolar;
- Do sistema de saúde, como acidentes constantes, dependência de drogas e álcool, transtornos gerais e
- E de muitos outros sistemas.

Além da boa articulação, é muito comum que famílias já percebidas e classificadas de altos riscos intentem transferir suas responsabilidades parentais e familiares para os serviços de atendimento.

Isso ocorre não apenas pela vontade das próprias famílias, mas paradoxalmente ocorre como resultado das intervenções, como resultado da multi-assistencialidade sustentada ao longo do tempo e da progressiva invasão pelos profissionais em todas as áreas da vida familiar.

É muito comum que o pedido de ajuda não venha da própria família, sendo habitualmente feito por outros que alertam e/ou encaminham as famílias às várias organizações de ajuda (Matos & Sousa, 2004).

No centro do cuidado à família estão as necessidades da criança e a necessidade em conceber um modelo de cuidado de colaboração com a criança e com a família (Brown & Remine, 2008; Ingber & Dromi, 2010; MacKean et al., 2005).

No trabalho com as famílias, os profissionais se vêm frente as cognições, crenças e valores sobre o tratamento que remetem, ou não, ao engajamento dos pais. Boas cognições, crenças e valores são essenciais para o engajamento e a boa condução do trabalho (Brassart et al, 2017).

Através da receptividade dos pais ao tratamento e da crença de que o tratamento será benéfico para o filho, se cria a aliança terapêutica. (Gopalan et al.,2010; Hock et al.,2015; Ingber & Dromi, 2009; Karver et al.,2005; Nock & Kazdin, 2001). A definição de aliança terapêutica incluiu os vínculos afetivos positivos entre a família e o terapeuta, confiança mútua, simpatia, respeito e carinho (Horvath & Bedi, 2002, p. 41).

O nível de envolvimento dos pais é muito importante, quanto mais eles têm sensação de afiliação e de confiança no profissional melhor será feito a aliança e melhor serão os resultados (Hock et al.,2015; Ingoldsby, 2010; Karver et al, 2005 2006; MacKean et al, 2005).

A aliança terapêutica não depende só da família, ela pode ser enfraquecida devido à inexperiência do profissional pela falta de conhecimento e pela falta de sensibilidade suficientes para os fatores culturais (de interdependência, de papéis de gênero e de espiritualidade) (Al Khateeb et al.,2014; Clark & Redman, 2007; Gopalan et al.,2010).

Segundo Carnaby, 2007; Cartmel, Macfarlane et Nolan, 2013, as questões clínicas, emocionais e sociais apresentadas pelas crianças e suas famílias são reconhecidas como extremamente complexas e estão além de um só conhecimento e de um só conjunto de habilidades de uma única disciplina profissional.

Para enfrentar os desafios de trabalhar com crianças e suas famílias tornaram-se necessários modelos de equipes colaborativas e por esse motivo elas floresceram cada vez mais nas últimas décadas (Silverman & Trepanier-Street, 2010).

Três modelos de colaboração em equipe são descritos por D'Amour, Ferrada-Videla, San Martín Rodríguez, Beaulieu, 2005, pág. 120:

- Um modelo multidisciplinar, referindo-se a uma equipe composta por diferentes disciplinas trabalhando no mesmo projeto de forma limitada e transitória;
- Um modelo interdisciplinar, em que profissionais de diferentes disciplinas trabalham em direção a objetivos comuns com base em avaliações conjuntas, proporcionando intervenções disciplinares específicas e
- Um modelo transdisciplinar, o mais recente, onde as fronteiras profissionais desaparecem, com trabalhadores trocam habilidades e conhecimentos

Surtem e se tornaram necessárias, também, as multi-agências. Elas sugerem da necessidade de tratar os problemas sociais de forma holística. “As pessoas sabem, de uma maneira simples e cotidiana, que crime, pobreza, baixo desempenho escolar, moradia ruim e assim por diante estão conectados” (Payne, 1998, p. 12). Dada essa nova lógica básica, em ver os problemas sociais de forma holística, não surpreende que grande parte da literatura relacionada ao trabalho multi-agências defenda seus benefícios (Hymans, 2008)

O trabalho das multi-agências estão no nível organizacional, são encontrados no planejamento, nas implementações e na gestão contínua de serviços. (Sloper, 2004). Sugere, então, que habilidades profissionais tais como assertividade, comunicação e trabalho em equipe são importantes juntamente com conhecimento do papel de cada membro em sua respectiva missão; das políticas públicas, dos procedimentos e métodos de trabalho (Hymans, 2008).

Um outro desafio são as Práticas Baseadas em Evidências (EBP).

A APA (1995,a) faz a distinção do que são padrões profissionais e do que são diretrizes profissionais. As diretrizes são de natureza aspiracional, destinam-se a servir a profissão, promovendo a prática competente da psicologia (APA, 2002b). As diretrizes servem para

fornecer aos psicólogos referências úteis para encontrar os padrões e leis profissionais relevantes na área prática, como também, informar o público sobre as práticas profissionais desejáveis, e fornecer uma base defensável para a conduta recomendada, levando em consideração as melhores informações disponíveis (APA, 2002b).

Os psicólogos, em suas práticas, se valem de uma variedade de diferentes teorias e técnicas, as quais podem fielmente aderir às descrições dos manuais técnicos e teóricos, como psicodinâmica, cognitivo-comportamental, focada em soluções e pensamento sistêmico, holístico, construtivismo, humanista, fenomenológicos, existencialistas e outros (Al-khatib, B.& Norris, S.,2015) contudo a falta de uma justificativa ontológica para a abordagem multimodal tornou-se uma preocupação.

Trabalhar sem uma fundamentação teórica minou a credibilidade dos profissionais e também refletiu numa insegurança amplamente sentida pelos próprios profissionais. A credibilidade e a insegurança passam a ser percebidas e solucionadas pela exigência de se fazer e de se envolver em Práticas Baseada em Evidências- EBP (HCPC, 2012, p.12).

A única saída e resposta a prática psicológica foi construir um argumento convincente para o uso de evidências baseadas na prática como o padrão válido (Fox, 2011).

As EBP (Práticas Baseadas em Evidencias) são compostas também pelas Avaliações Baseadas em Evidencias (EBA) e pelos Tratamentos Baseados em Evidencias (EBTs).

A avaliação diagnóstica sendo necessária para que o problema do paciente possa ser especificamente classificado e associado ao tratamento psicoterapêutico correto, ela precisa ser feita de maneira sistemática (EBA). Os EBTs, as técnicas psicoterapêuticas para serem implementadas, suas eficácias precisam ser substanciadas de forma a garantir que a mesma intervenção seja realizada de maneira comparável para todos que assim o necessitarem (Smith, Taylor & Daunic, 2007).

## 1.5. Implicações Jurídicas

Em Portugal a expressão “responsabilidades parentais” veio substituir a expressão “poder parental” no enquadramento legal português em 30 de novembro de 2008, com a entrada em vigor da Lei n.º 61/2008, de 31 de outubro, vulgarmente designada por Lei do Divórcio. Esta alteração pretendeu introduzir com rigor a natureza, conteúdo e realidades inerentes ao exercício da parentalidade, colocando a tónica na criança enquanto titular de direitos juridicamente reconhecidos sobre os filhos e não como titulares de direitos de posse e poderes sobre eles. (Braz, 2020, p561))

Assim, de acordo com o Artigo 1878º do Código Civil (CC), “compete aos pais, no interesse dos filhos, velar pela segurança e saúde destes, promover ao sustento, dirigir a sua educação, representá-lo, ainda que nascituros, e administrar aos seus bens”. Por outro lado, “os filhos devem obediência aos pais; estes, porém, de acordo com a maturidade dos filhos, devem ter em conta a opinião nos assuntos familiares importantes e reconhecer-lhes autonomia na organização da própria vida”. Os filhos estão sujeitos às responsabilidades parentais até à maioridade ou emancipação e os pais não poderão renunciar às responsabilidades parentais, nem a qualquer dos direitos que elas especialmente lhes conferem, salvo quando os filhos estiverem em situação de adaptabilidade ou os pais estiverem inibidos do exercício das responsabilidades parentais, ou limitados nesse exercício por decisão judicial (Artigos 1877º e 1882º do CC)

No Brasil, a Lei nº 13.257 de 08 de março de 2016 dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012.

Art. 1º Esta Lei estabelece princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano, em consonância com os princípios e diretrizes da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); altera os arts. 6º, 185, 304 e 318 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal); acrescenta incisos ao art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; altera os arts. 1º, 3º, 4º e 5º da Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008; e acrescenta parágrafos ao art. 5º da Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança

Art. 3º A prioridade absoluta em assegurar os direitos da criança, do adolescente e do jovem, nos termos do art. 227 da Constituição Federal e do art. 4º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, implica o dever do Estado de estabelecer políticas, planos, programas e serviços para a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral.

## **1.6. Profissionais**

Os profissionais escolhidos para esta pesquisa foram os psicólogos brasileiros com formação acadêmica completa.

### **1.6.1. Psicólogos/as**

Tomaremos como definição de Psicologia e Psicólogos/as a que foi dada pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (2023) que descreve a Psicologia como “uma atividade ao serviço do bem-estar da pessoa humana e as/os psicólogas/os que desenvolvem o papel assistencial, que contribuem para a promoção do bem-estar físico, psíquico e social de pessoas, grupos, organizações e comunidades.

O trabalho do psicólogo/a é pautado pelo respeito pelos direitos de todos e de cada um dos destinatários dos seus serviços e pela competência profissional, na medida em que desenvolvem sua atividade de acordo com os pressupostos técnicos e científicos da profissão, possuindo uma formação teórica e prática especializada e constantemente atualizada.

Neste sentido, as/os psicóloga/os desenvolvem ao longo de sua carreira, competências, conhecimentos e estratégias que se adequam ao trabalho com pessoas e grupos diversos e procuram refletir de forma crítica sobre as suas competências, de modo a poderem promover a coesão social e a aceitação da diversidade.

A responsabilidade profissional e social é um princípio ético identitário da Psicologia, a par da integridade, que leva as/os psicólogas/os a promover e dignificar o seu trabalho e o conhecimento científico que possuem, como forma de aumentar o potencial da intervenção psicológica e o benefício da sociedade em geral.

A inteireza moral e a fidelidade aos princípios de atuação da profissão são condições essenciais para o seu papel assistencial na promoção do bem-estar físico, psíquico e social de pessoas, grupos, organizações e comunidades em que as pessoas estão efetivamente no centro das suas inquietações” (OPP, 2023).

### **1.6.2. Psicólogos/as Brasileiros/as**

Os/as psicólogos/as brasileiros/as têm participado desde as primeiras experiências de campo profissional, ao apoio à família. Inicialmente atuavam sobre os cuidados aos portadores de sofrimento mental e seus familiares. Hoje, o papel dos/as psicólogos/as se ampliou, passando a incluir a atenção a idosos, usuários de álcool e outras drogas, crianças, adolescentes, mulheres vítimas de violência e outros grupos vulneráveis.

As ações dos/as psicólogos/as em apoio às famílias e à parentalidade, segundo o Conselho Federal de Psicologia, são de atenção aos membros aos familiares e Conselho Federal de Psicologia identifica alguns objetivos a esse apoio:

- Articular saberes e práticas;
- Atuar de forma transdisciplinar;
- Atuar considerando a diversidade e integralidade;
- Promover ações de educação continuada do próprio profissional e para os atendidos;
- Romper com a lógica de referência e contra referência cultural,
- Capacitar para a escuta, acolhimento e manejo, deles próprios, das equipes e das famílias em situação de risco psicossocial.
- Discutir e capacitar todos os envolvidos para o manejo às adversidades da vida de forma a não legitimar como doença o que é inerente ao ser humano;
- Acolhimento conjunto de toda equipe inter e multidisciplinar para os casos que demandem esclarecimento;
- Discussão conjunta com as equipes de apoio a família, dos casos clínicos que demandem atenção especializada;
- Capacitação das equipes para a realização, na comunidade, de grupos de reflexão com foco na promoção de saúde, não centrados na doença;

- Devem conhecer a realidade do território em que vive e a população que está sob sua responsabilidade
- Avaliação conjunta, pelo psiquiatra e generalista, da medicação em uso e ajuste conforme necessidade;
- Contribuir nas discussões, reflexões e ações de promoção de saúde junto às equipes de saúde da família e comunidade.

### **1.6.3. Órgãos Regulatórios Brasileiros**

No Brasil os órgãos regulatórios da Psicologia são o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRP) que atuam em consonância com os princípios do Código de Ética Profissional dos Psicólogos.

### **1.6.4. Código de Ética dos Psicólogos Brasileiros**

O cumprimento do Código de Ética na prática profissional dos psicólogos/as brasileiros/as é um requisito obrigatório. A atuação profissional dos/as psicólogos/as no Brasil é pautada nos princípios éticos da profissão, emanados do Código de Ética Profissional (Conselho Federal de Psicologia-CFP, 2005) e em resoluções específicas e complementares emitidas pelo CFP, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas -ONU, 1948), com base na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e, com base em outras legislações específicas que orientam o psicólogo para que se posicione em defesa da dignidade humana, em defesa de oportunidades iguais para todos e em defesa de relações sociais equânimes.

Para tanto, existem sete princípios fundamentais dispostos no Código Ética Profissional da categoria (CFP, 2005). que devem orientar a atuação dos Psicólogos Brasileiros:

- o respeito e a promoção da liberdade,
- o respeito da igualdade e da integridade do ser humano;
- a promoção da saúde e da qualidade de vida;
- a responsabilidade social;
- o desenvolvimento da Psicologia no campo teórico e prático;
- o acesso da população às informações sobre a ciência psicológica;
- o zelo pelo exercício digno da profissão e criticidade quanto às relações de poder.

A prática profissional da Psicologia brasileira não só se compromete em promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas, mas também em contribuir para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

### **1.7. Habilidades dos Profissionais de Apoio às famílias**

O termo competência é comumente associados a capacidades, intervenções e técnicas; contudo o termo habilidade adotado na Pesquisa é um conceito mais amplo que corresponde a capacidade em utilizar conhecimentos, as capacidades pessoais, sociais e/ou metodológicas em situações de trabalho ou estudo, e em situação de desenvolvimento profissional e pessoal (Cedefop, 2014).

Em meio a toda a diversidade de conceituação, definição e de categorização de habilidades para o apoio às famílias e à parentalidade percebemos o quanto os desafios desses profissionais são superlativos e, é justificado, visto quanto o fortalecimento dos vínculos e o equilíbrio familiar tem poder de impacto na estrutura de qualquer sociedade.

Segundo o relatório da Eurofam (Isakov et al., 2021), as habilidades do profissional no apoio à família foram identificadas e divididas em *três tópicos de classificação*, assentadas

numa série de teorias sócio estruturais psicossociais e inseridas numa abordagem holística, ecológica e abrangente (Herrera Pastor et al., 2020).

Os três tópicos de classificação são:

- Qualidades Profissionais (Atitudes/Atributos),
- Habilidades Técnicas
- Conhecimento Específicos

### **1.7.1. Atitudes/Atributos**

A primeira classificação de habilidade se refere as Qualidades Profissionais (Forrester et al., 2020; Rollins, 2019; Gladstone et al., 2012; Kemp et al., 2014; Trotter, 2002) e dizem respeito *a atitudes e atributos do profissional* encontramos: ética, ser empático e compassivo, comprometido, ter flexibilidade cognitiva para processar tantas informações complexas.

### **1.7.2. Habilidades Técnicas**

Na segunda classificação encontramos as Habilidades Técnicas que são muitas e entre elas estão:

- A habilidade de se capacitar e capacitar as famílias (Gladstone et al., 2012; 2014; Harvey et al., 2010; Kemp et al., 2014; Knight, 2015; Leake et al., 2010).
  - a) A habilidade de se capacitar seria ter consciência de estar emocionalmente preparado para tais desafios, a conscientização da necessidade de estar em atualizações constantes, entender a dinâmica familiar por várias perspectivas, saber avaliar as famílias, possíveis riscos (negligência e violência) e necessidade de ter a imparcialidade, postura profissional através da consciência de seu poder, posição e da forma de utilizá-los.

b) A habilidade de capacitar as famílias já envolve uma perspectiva de abordagem positiva, encorajar, motivar os pontos fortes, apresentar possibilidades de mudanças, ajudar no reconhecimento de suas dificuldades e a promover a autorregulação e responsabilização

- A habilidade de comunicação e apoio narrativo, encontramos a boa escuta (reflexão, entendimento e compreensão), bom uso e compreensão da comunicação verbal e não verbal, apropriação da linguagem nas diferentes faixas etárias, culturas, religiões e composições familiares.

A empatia, a reflexão e a boa escuta de certa forma estão juntas (Brassart et al., 2017; Forrester et al., 2012; 2020; Nunes & Ayala, 2010; Trotter, 2002; Tregagle, 2010; Westlake & Jones, 2018; Woodcock & Tregaskis, 2008). Estas habilidades têm papéis importantíssimo no trabalho porque elas ajudam a reduzir a resistência dos pais e a promover mudanças reais através da adesão ou engajamento (Forrester et al., 2012; 2020).

A capacidade de apoio narrativo utiliza a facilitação, repetição, clarificação e interpretação, ajudar a motivar, a identificar e reconhecer o que está em causa, saber fazer devolução e aconselhamentos, ajudar a reconhecer crenças e valores, construir confiança nos pais, transformar as crenças e valores das famílias. (Nunes & Ayala, 2010).

- A capacidade de decisão de resolução de problemas (Connell, 2010; Gladstone et al., 2012, 2014; Littell & Tajima, 2000, Trotter, 2002) são capacidades de organizar formas específicas a ajuda para resolução de problema, ter precisão de conteúdo e de tempo e capacidade de decisão
- A capacidade de Planeamento deve ter como base uma abordagem não prescritiva, mais flexiva e adaptada às necessidades dos utilizadores dos

serviços (Littell & Tajima, 2000). É a habilidade de entender vários aspectos e saber lidar com as diversidades, tais como, aspetos sociais, normas culturais,

- religiosas, e composições familiares (Chand & Thoburn, 2005; Leake et al., 2010; Lindsay et al., 2014). É a habilidade de contratar e de trabalhar com outros serviços para redes de apoios (Cox, 2012, Hetherington & Baistow, 2001; Hunter et al., 2017) e a competência de gestão, de organização (Gladstone et al., 2012; 2014; Hetherington & Baistow, 2001).

### **1.7.3. Conhecimento Específicos**

Temos o terceiro e último tópico de classificação, que são os conhecimentos específicos. Essas habilidades tem muito mais qualidades de competências e foram, para o relatório da Eurofam (Isakov et al., 2021), as mais difíceis em conseguir dados e informações.

No estudo de pesquisa bibliográfica da Eurofam foi encontrado as seguinte estratégias e conhecimentos:

- técnicas de observação (Bridge, 1999, planos de avaliação (Connell, 2010) ,
- ferramentas de avaliação específicas (Bogo et al., 2014; McLendon et al., 2012; Rawlings & Blackmer, 2019),
- técnicas e conhecimento do desenvolvimento infantil (Brassart et al., 2017; Bridge, 1999; Turney & Tanner, 2001) humano e familiar e
- outros conhecimentos técnicos e teóricos de apoio às famílias que estão atualmente disponíveis (Chand & Thoburn, 2005).

Acrescentamos também a essa lista a base de todas as competências que é formação académica, como também os conhecimentos legais e jurídicos (prioridade na criança, idosos e pessoas vulneráveis) e principalmente as Práticas Baseadas em Evidências (EBP, EBA e EBTs)

Quadro 1 - Temas, dimensões, Categorias e subcategorias			
temas	dimensões	categorias	subcategorias
		ética	
		ser empático e compassivo	
		flexibilidade cognitiva e capacidade de processar informações complexas	
	Atitudes/ Atributos	comprometimento	
			emocionalmente (emoções, tolerância e frustração) e terapias pessoais entender a dinâmica familiar, necessidades e possíveis riscos (negligência e violência)
		de se capacitar	postura profissional( ter consciência de seu poder, posição e a forma de utilizá-los)
		de capacitar as famílias	abordagem positiva, encorajar mudanças, motivar os pontos fortes apresentar possibilidades de mudanças ajudar no reconhecimento de suas dificuldades promover a auto-regulação e responsabilização
			boa escuta
Habilidades Profissionais	Habilidades Técnicas	de comunicação e apoio narrativo	bo uso e compreensão da comunicação verbal e não verbal apropriação da linguagem faixas etárias, culturas, religiões e composições familiares
			utilizar de meios como a facilitação, repetição, clarificação e interpretação
			ajudar a reconhecer crenças e valores
		de decisão e de resolução de problema	organizar de forma específica a ajuda ter precisão de conteúdo e de tempo capacidade de decisão
		de planeamento	de ter uma abordagem não prescritiva, mais flexiva e adaptada às necessidades compreender questões de igualdade e de diversidade criar parcerias com outros setores e criar redes de apoio para as famílias competencias de gestão e organização
		formação académica	
		conhecimentos legais e jurídicos (prioridade na criança, idosos e pessoas vulneráveis)	
		praticas baseadas em evidencias (EBP, EBA e EBTs)	
	Conhecimento Específicos	de ferramentas de avaliações sócio-psico-mentais- educacionais	
		técnicas de observação	
		técnicas e conhecimento do desenvolvimento infantil, humano e de família	

## 2. Objetivos

O objetivo do estudo é verificar as percepções das habilidades dos profissionais brasileiros que prestam apoio às famílias e à parentalidade. Analisar suas descrições e percepções de suas intervenções junto as famílias que realizam no Brasil.

## **2.1. Pergunta da Investigação**

O projeto de investigação, partiu da seguinte questão:

Quais são as habilidades que profissionais brasileiros utilizam no apoio às famílias e à parentalidade na perspectiva deles próprios?

## **2.2. Justificação da Necessidade do Estudo**

Segundo trabalho da Eurofam, *Systematic review of Family Support workforce skills: conceptualization, process, and findings Research report*, desenvolvido por Anita Burgund Isakov, Cristina Nunes, Nevenka Zegarac & Ana Antunes, são poucos os trabalhos, revisados em pares ou os de língua inglesa, sobre o conceito geral das habilidades de profissionais em apoio à família.

Essa carência e lacuna de conhecimento quanto a definição e conceptualização das habilidades dos profissionais tem como consequência, a impossibilidade de estabelecer diretrizes padronizadas para a habilidade da força de trabalho, como de apresentar um panorama global e amplo sobre esse tema.

Essa padronização é uma árdua tarefa, que se possível, visto as diferentes condições sociais, culturais e políticas, traria profundos conhecimentos sobre as especificidades e as diferenças das habilidades profissionais em diferentes níveis de atuação e intervenção (Devaney et al, 2013).

Pressupõe-se que a única forma de padronizar as habilidades dos profissionais de apoio às famílias seria através de uma abordagem ascendente, baseada em provas/evidências e multidisciplinarmente (Ação COST da União Europeia “*The European Family Support Network*”).

Dentro dessa perspectiva de definição e conceitualização, das habilidades dos profissionais de apoio à família, este estudo se enquadra no âmbito de uma investigação de Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve com o tema **Apoio às famílias na perspectiva dos profissionais brasileiros** e gostaríamos de trazer uma contribuição para o trabalho da Eurofam, Systematic review of Family Support workforce skills: conceptualization, process, and findings Research report, desenvolvido por Anita Burgund Isakov, Cristina Nunes, Nevenka Zegarac & Ana Antunes.

Esta investigação com profissionais brasileiros tem como principal finalidade compreender melhor as percepções dos profissionais quanto:

- . as habilidades necessárias para o apoio familiar,
- . as diferenças de percepção de habilidades entre os profissionais,
- . quais os principais desafios encontrados em suas práticas,
- . se existem elos de ligação com outras práticas,
- . se eles percebem a importância de ter capacitação e da necessidade de se capacitar,
- . de como veem uma possível padronização dessas habilidades,
- . se essas habilidades poderiam ser treinadas e
- . quais os apoios os profissionais precisariam em suas práticas.

### **2.3. Objetivos**

Os objetivos de nosso estudo foram:

- (1) Analisar as habilidades descritas pelos profissionais que prestam apoio à parentalidade no Brasil;
- (2) Contribuir com orientações que promovam uma possível padronização das habilidades dos profissionais.

### **3. Método**

Como o objetivo do estudo será verificar as habilidades profissionais brasileiros que prestam apoio às famílias e à parentalidade, este estudo será, portanto, um estudo descritivo, qualitativo e correlacional.

A abordagem qualitativa utilizada será a Análise de Conteúdo e terá como suporte instrumental o método de recolha de dados através do questionário de autorrelato aplicado a um conjunto de participantes.

É um estudo transversal, pois a recolha de dados será realizada num único momento (Hernández, Fernández et Baptista, 2014).

#### **3.1. Participantes**

Pretendeu-se um mínimo de 20 profissionais que na sua atividade profissional intervenham com famílias prestando apoio à parentalidade. Os participantes receberão o questionário após a solicitação de sua colaboração e de consentimento formalizado.

### 3.2. Instrumentos

Para avaliar a percepção dos profissionais brasileiros nas suas práticas com as famílias e parentalidade foi usado o questionário que faz parte do estudo Delphi Study on The Family Support Work Skills da COST Eurofam Network, Rede Europeia de Apoio à Família (European Family Support Network). Esse questionário foi construído a partir da revisão bibliográfica sobre habilidades dos profissionais e sobre a caracterização das intervenções de apoio à família (Nevenka et al., 2021)

Esse grupo de pesquisadores realiza várias pesquisas com o objetivo de chegar a um consenso sobre o conjunto de habilidades necessárias para a força de trabalho em apoio à família e para o desempenho de qualidade nesta área.

Esse questionário foi traduzido para o Português brasileiro em sua integralidade de 23 perguntas. Apenas uma questão recebeu uma adaptação, a última questão, onde seria perguntado o País de origem, foi perguntado o Estado brasileiro de origem.

O questionário é on-line, composto de 19 perguntas abertas e 4 perguntas fechadas de escolhas.

Os participantes receberam um link onde davam a autorização e confirmação de participação na pesquisa. Após essa confirmação, o questionário era aberto.

Na introdução do questionário havia explicações sobre as três dimensões ou categorias da pesquisa: Atitudes/Atributos, Conhecimentos Específicos e Habilidades Técnicas.

Atitude/Atributos: é uma disposição do profissional para agir de acordo com certas crenças, sentimentos e valores.

Conhecimento: é definido como o conjunto de fatos, princípios, teorias e práticas relacionados com um campo específico de trabalho ou estudo.

Habilidades Técnicas: são definidas como o conjunto de habilidades que permitem aplicar o conhecimento e utilizar técnicas para realizar tarefas e resolver problemas no campo correspondente.

O questionário tinha, especificamente, duas categorias de recolha de dados:

- Características sociodemográficas dos participantes: sexo, idade, formação, anos de experiência profissional, local de trabalho e Estado brasileiro.
- Identificação e caracterização das habilidades profissionais utilizadas pelos profissionais nas atividades de apoio à família: Qualidades dos Profissionais (Atitudes/Atributos), Habilidades Técnicas e Conhecimentos Específicos.

### **3.3. Procedimentos**

#### **3.3.1. Procedimentos de recolha tratamento dos dados**

A proposta inicial em 2022, para a realização deste projeto de investigação era de, numa fase inicial, efetuar uma reunião com o Coordenador-Geral de Fortalecimento dos Vínculos Familiares e Solidariedade Intergeracional (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos) para o acesso aos profissionais de Programas Federais voltados as famílias.

No período em que o projeto desta pesquisa foi feito, tiveram eleições no Brasil e conseqüentemente as mudanças de Governo. Não teríamos tempo para um novo pedido de cooperação e parceria.

A reunião com o Prof. Eduardo Brandão (da Escola de Administração Judiciária do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Psicólogo da Vara de Família e Professor da Psicologia Jurídica da Faculdade Cândido Mendes) se deu em setembro de 2022 com a Orientadora do Projeto Prof. Dra. Cristina Nunes e foi confirmado uma parceria para a divulgação da pesquisa

com a solicitação de participação dos profissionais da área da família nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Aos profissionais brasileiros, que trabalham no apoio as questões de parentalidade das famílias, lhes foi encaminhado, individualmente, num pequeno texto introdutório com os objetivos do estudo, as condições de participação e o link do questionário.

Foi pedido a cada participante o consentimento informado.

Os dados recolhidos foram utilizados apenas para o efeito desta investigação e não para qualquer outro fim. Todos os dados foram trabalhados em conjunto, não havendo tratamento de dados pessoais.

A recolha dos dados e todo conteúdo foram conseguidas através do questionário de autorresposta aplicado aos participantes descritos acima, em formato *online*.

As aplicações do questionário foram realizadas de forma anónima e confidenciais cumprindo todos os requisitos éticos exigidos para este tipo de estudo. A identidade do profissional ficará anónima e preservada.

A seleção da amostra dos profissionais foi por conveniência, através de órgãos públicos, associações profissionais e em instituições que intervêm com famílias, para onde foram enviados os questionários *online*.

### **3.3.2. Tratamento dos Dados**

A presente investigação, através do questionário de perguntas abertas, constitui um estudo qualitativo que será cotado através da Análise de Conteúdos, «técnica de investigação

que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação» (Berelson, 1954, Bardin, 2016)

A Análise de Conteúdos passa por três etapas:

- 1) pré-análise,
- 2) exploração de materiais e
- 3) tratamento dos resultados.

Na análise qualitativa do conteúdo, é observado a presença ou ausência de uma característica. A Análise de Conteúdo passa a ter como objetivo a inferência sobre o material estudado obtida através de indicadores de frequência (Bardin, 2016).

A abordagem qualitativa depende majoritariamente de dados qualitativos (e.g. palavras, experiências) e produz resultados qualitativos e não quantificáveis, através de uma análise fundamentalmente interpretativa (O'Leary, 2017)

No livro Metodologia em Pesquisa em Educação e Ensino de Ciência capítulo Análise de Conteúdo numa perspectiva de Bardin (2016, p.288 – 297) apresenta que, nesse tipo de estudo e de avaliação, a finalidade é de efetuar deduções lógicas (inferências) justificadas, referentes à origem da mensagem, considerando o emissor e o contexto, ou os efeitos que ela possui.

Bardin (2016) define como, «Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens» (p.48)

O tratamento dos dados se dá pela frequência que determinadas características que aparecem no conteúdo (Bardin, 2016).

## 4. Resultados

### 4.1 Qualitativos

#### Questão 1 Quais são as habilidades necessárias para os profissionais que prestam apoio às famílias?

- 1 Ética, empatia, criatividade, competência
- 2 Acredito que seja fundamental uma boa escuta, buscar praticar empatia e estar disponível para tentar auxiliar
- 3 Empatia, disponibilidade e empenho
- 4 Saber escutar, acolher e reconhecer a diversidade familiar; maleabilidade; ética
- 5 Qualificação acadêmica, empatia, boa comunicação, paciência e amor pelo que faz e ética profissional.
- 6 Empatia.
- 7 O psicólogo deve ter empatia, porém sem se deixar envolver por apenas um dos relatos das partes do grupo, mesmo que deste tenha surgido a demanda inicial. Tentar compreender a resistência que alguma parte possa apresentar para estar na psicoterapia. Cativá-lo ao processo. Identificar o paciente, mas não entrar nas queixas do grupo sobre o mesmo. Ter um enfoque profissional, sendo empático nos sentimentos para tirar dali a avaliação técnica sobre as motivações presentes. Compreender o sistema para além da soma das partes, analisar as partes dentro e fora do sistema familiar em suas individualidades, sair das questões centrais que motivaram a terapia e descobrir a origem, o meio e o propósito de crenças e valores de cada um. O profissional não pode se contaminar por reações que gerem nele o desgaste, confusão ou conflito que a família apresenta. Preservar sempre a parte mais frágil, principalmente crianças. Dar um lugar de fala para cada um da família, mantendo um vínculo com o todo. Partir de sua própria existência para compreender o sistema, porém não para inferir sobre ele. Acreditar na potência orgânica de autorregulação e conduzir a família por esse caminho de responsabilidade sobre si mesmo e sem delegar ao outro.
- 8 Formação acadêmica coerente, completa e comprometida com a renovação. Protocolos e metas planejadas. Trabalho continuado com início, meio, fim e revisões continuadas. Trabalhos preventivos
- 9 Uma formação consistente
- 10 Ética, conhecimento teórico e técnico, competência, imparcialidade, respeitar os limites de atuação, empatia e acolhimento.
- 11 Humanidade, acolhimento e escuta
- 12 Conhecer profundamente o contexto no qual a família está inserida, seus valores assim como rede de apoio.
- 13 escuta ativa, disponibilidade, interesse
- 14 "Habilidades sócio emocionais: sensibilidade, empatia, escuta e acolhimento

Habilidades intelectuais: raciocínio clínico, flexibilidade cognitiva"

15 Capacidade de escuta e empatia

16 Escuta empática, aceitação das diferenças culturais, sociais e religiosas, compreensão das diferentes formas de organização das famílias e dos papéis de seus membros, articulação com a rede de serviços nas diversas áreas de acordo com as necessidades detetadas e solicitadas (saúde, educação, assistência social), afirmação da prioridade de proteção às crianças e adolescentes e idosos em situação de vulnerabilidade.

17 Conhecimento técnico e empatia. Saber escutar sem julgar. Acolher e orientar.

18 Escuta, respeito às individualidades, não formar opinião, saber questionar na hora e forma certa, desprovir de seus valores pessoais.

19 Conhecimento em áreas como desenvolvimento humano e ciclo familiar

20 Conteúdo, estudo sensibilidade , técnica , manejo , ética e muito amor pela profissão

21 Estabelecer vínculo de confiança, fazer perguntas abertas, ter boa escuta, ter sensibilidade, estimular a participação das pessoas e atuar como facilitadora

22 Empatia e não julgamento.

Questão 1	F	Exemplo	F%
1. Atitudes/Atributos	24	Resposta 14 : "Habilidades sócio emocionais: sensibilidade, empatia, escuta e acolhimento Habilidades intelectuais: raciocínio clínico, flexibilidade cognitiva"	36,36
2. Habilidades Técnicas	28	Resposta 7: "O psicólogo deve ter empatia, porém sem se deixar envolver por apenas um dos relatos das partes do grupo, mesmo que deste tenha surgido a demanda inicial. Tentar compreender a resistência que alguma parte possa apresentar para estar na psicoterapia. Cativá-lo ao processo. Identificar o paciente, mas não entrar nas queixas do grupo sobre o mesmo. Ter um enfoque profissional, sendo empático nos sentimentos para tirar dali a avaliação técnica sobre as motivações presentes. Compreender o sistema para além da soma das partes, analisar as partes dentro e fora do sistema familiar em suas individualidades, sair das questões centrais que motivaram a terapia e descobrir a origem, o meio e o propósito de crenças e valores de cada um. O profissional não pode se contaminar por reações que gerem nele o desgaste, confusão ou conflito que a família apresenta. Preservar sempre a parte mais frágil, principalmente crianças. Dar um lugar de fala para cada um da família, mantendo um vínculo com o todo. Partir de sua própria existência para compreender o sistema, porém não para inferir sobre ele. Acreditar na potência organísmica de autorregulação e conduzir a família por esse caminho de responsabilidade sobre si mesmo e sem delegar ao outro"	42,42
3. Conhecimento Específicos	14	Resposta 8: "Formação acadêmica coerente, completa e comprometida com a renovação. Protocolos e metas planejadas. Trabalho continuado com início, meio, fim e revisões continuadas. Trabalhos preventivos	21,21
Total	66		

**Questão 2 Na sua opinião, quais são as habilidades nucleares (centrais) para os profissionais que prestam apoio às famílias?**

- 1 As mesmas acima : Ética, empatia, criatividade, competência
- 2 Escuta e empatia
- 3 Empatia
- 4 as mesmas acima: Saber escutar, acolher e reconhecer a diversidade familiar; maleabilidade; ética
- 5 Qualificação acadêmica satisfatória e estágio para vivências.
- 6 Uma média entre empatia e distanciamento.
- 7 Assertividade, saber dar limites sem aspereza, empatia, saber positivar discursos e mediar conflitos, disponibilidade afetiva para receber carga emocional densa, sem eleger partes do todo para identificação única. Sensibilidade para identificar conteúdos latentes e motivações subjetivas.
- 8 Empatia, acolhimento, boa escuta, boa capacidade de identificar a necessidade que está em causa, conhecimento prático, teórico e técnico.
- 9 Empatia
- 10 Ética , conhecimento teórico, técnico e competência.
- 11 Não julgamento
- 12 Ter clareza do ciclo de desenvolvimento desta família. Conhecer os pontos que fazem parte de um desenvolvimento típico e os sinais que já indicam um prejuízo no seu curso. Se é uma família de adolescente por exemplo, entender bem o que é esperado para a transição a fase adulta para que possa apoiar os pais a fazer esta transição considerando a autonomia, papel e função de cada membro dentro da família.
- 13 escuta
- 14 Pela generalidade da pergunta, meu ponto de vista mais amplo é que as habilidades centrais são aquelas que são demandadas pelas relações em nossa época: a máxima compreensão social e individual e uma atividade flexível, criativa e sempre em movimento. No mais, as habilidades podem se diferenciar de profissional para profissional de acordo com suas disposições individuais.
- 15 Habilidade em oferecer escuta acolhedora e livre de pré-julgamentos
- 16 Escuta empática, aceitação das diferenças culturais, sociais e religiosas, compreensão das diferentes formas de organização das famílias e dos papéis de seus membros, capacidade de ouvir as demandas das famílias sem lhes impor formas de funcionamento, valores e intervenções que podem configurar violência institucional.
- 17 Experiência, conhecimento técnico, empatia.
- 18 As mesmas acima: Escuta, respeito às individualidades, não formar opinião, saber questionar na hora e forma certa, desprovir de seus valores pessoais.

- 19 Empatia e conhecimento técnico
- 20 Desejo da escuta
- 21 Saber perguntar, ouvir, questionar, transitar e devolver
- 22 Saber ouvir.

### Questão 2

1. Atitudes/Atributos	F	Exemplo	F%
2. Habilidades Técnicas	13	Resposta 8 "Empatia, acolhimento, boa escuta, boa capacidade de identificar a necessidade que está em causa, conhecimento prático, teórico e técnico".	31,7
	22	Resposta 16 "Escuta empática, aceitação das diferenças culturais, sociais e religiosas, compreensão das diferentes formas de organização das famílias e dos papéis de seus membros, capacidade de ouvir as demandas das famílias sem lhes impor formas de funcionamento, valores e intervenções que podem configurar violência institucional".	53,65
3. Conhecimento Específicos	6	Resposta 12 "Ter clareza do ciclo de desenvolvimento desta família. Conhecer os pontos que fazem parte de um desenvolvimento típico e os sinais que já indicam um prejuízo no seu curso. Se é uma família de adolescente por exemplo, entender bem o que é esperado para a transição a fase adulta para que possa apoiar os pais a fazer esta transição considerando a autonomia, papel e função de cada membro dentro da família".	14,65
<b>Total</b>	<b>41</b>		

### Questão 3 Existem diferenças de habilidades entre as profissões (por ex., psicólogos, assistentes sociais, e outros)? Quais são estas diferenças?

- 1 Não há diferença termos de habilidade, o trabalho pode ser interdisciplinar
- 2 Psicólogos têm em sua bagagem estudos sobre desenvolvimento humano, comportamento, emoções e técnicas para atender as pessoas
- 3 O tipo de apoio
- 4 a escuta do psicólogo é diferenciada, dará outro destino às intervenções
- 5 Sim. Cada um atua numa área diferente que compõe um ser humano que precise de ajuda ao seu equilíbrio físico, emocional ou cognitivo.
- 6 Sim. As abordagens teórico-técnicas.
- 7 Sim. A técnica do psicólogo é voltada para uma escuta para além do conteúdo verbalizado, para além do trazido pelos membros da família, com uma instrumentação científica para identificar as forças que regem e imperam sob o sistema, para quebrar padrões e possibilitar mudanças. Os outros profissionais se atêm ao trazido pelas partes e conteúdos de avaliação concreta.

- 8 Sim, são habilidades complementares. As diferenças estão no foco de ação.
- 9 Sim. São referenciais teóricos específicos de cada área
- 10 Sim, são as habilidades específicas de conhecimento de cada área.
- 11 Escuta terapeutica e ferramentas de intervenção
- 12 Na minha visão compreendo que existem diferenças, uma vez que o psicólogo fará uma avaliação das funções Cognitivas e emocionais destes membros familiares, além de entender seu histórico de vida, trabalhando na estrutura e visão de mundo formado enquanto o psiquiatra embora avalie, este já encontra a família em situação de prejuízo patológico, assim como um assistente social pode os encontrar. Na área da psicologia pode haver famílias que têm problemas de disfuncionalidades na habilidade de se relacionarem entre si não necessariamente com prejuízos psicopatológicos, mas também de inter-relações.
- 13 formação acadêmica, tipo de escuta
- 14 A minha resposta anterior já indica esse nível de profissional da atualidade, embora, entre as especialidades os profissionais tem 'olhares' diferentes. Esta é a principal diferença: o 'foco' pelo qual cada um trata o problema. Em suma, podemos falar de capacidades gerais para o ser humano numa determinada época do mundo e das capacidades específicas, nas quais, estas últimas sempre variam de indivíduo para indivíduo. Julgar que determinadas características são mais importantes que outras nos levaria rapidamente a concluir abstrações (confortáveis, mas ilusórias).
- 15 Acho que sim. Os psicólogos precisam ter postura aberta ante a diferença.
- 16 Eu entendo que as formações são diferentes e que vão privilegiar aspectos diferentes da situação, mas na prática vemos psicólogos com um olhar social e assistentes sociais com um olhar psicológico sobre as famílias. Cada profissional, independentemente de sua formação original, desenvolverá suas habilidades pessoais no trato com as famílias .
- 17 Sim. Cada uma requer um conhecimento técnico específico.
- 18 Sim, o lugar que o psicólogo deve se colocar, desprovido de julgamento dentre outros posicionamentos já citados
- 19 Sim a escuta clínica do psicólogo é mais ampla
- 20 "Leituras diferentes, porém com objetivos parecidos "
- 21 Sim, o olhar, a escuta, a imparcialidade e a sensibilidade
- 22 O psicólogo trabalha a saúde mental , enquanto que assistentes sociais trabalham no bem estar social do indivíduo.

	<b>N</b>
<b>SIM</b>	<b>20</b>
<b>NÃO</b>	<b>2</b>

Questão 3	F	Exemplo	F%
1. Atitudes/Atributos	0		0
2. Habilidades Técnicas	13	Resposta 7 "Sim. A técnica do psicólogo é voltada para uma escuta para além do conteúdo verbalizado, para além do trazido pelos membros da família, com uma instrumentação científica para identificar as forças que regem e imperam sob o sistema, para quebrar padrões e possibilitar mudanças. Os outros profissionais se atêm ao trazido pelas partes e conteúdos de avaliação concreta".	59
3. Conhecimento Específicos	9	Resposta 17 " Sim. Cada uma requer um conhecimento técnico específico"	41
<b>Total</b>	<b>22</b>		

**Questão 4 Na sua opinião, quais são os desafios na aplicação prática das habilidades pelos profissionais que prestam apoio às famílias?**

- 1 Promover ações de cuidado e transformativas, mesmo para famílias mais refratárias ou em situações de violência doméstico-familiar
- 2 A abertura das pessoas para ouvirem e refletirem sobre o que é proposto
- 3 Adesão e viabilidade do apoio
- 4 a ausência de rede de apoio e assistência
- 5 Fazer com que a família entenda e aceite a necessidade do acompanhamento e das orientações de mudança de hábitos para com sua criança.
- 6 A capacidade de lidar com a multiplicidade de fatores atuando simultaneamente. Família em conflito gera muita ansiedade em quem coordena o trabalho.
- 7 "Não se identificar com os discursos, com os sentimentos que imperam no sistema, a ponto de fazer elo com o que julga ser o mais fraco, tentando protegê-lo. Família todos tem e dentro de uma pluridade de questões, sempre vem a emergir conteúdos de proximidade.  
Realizar intervenções com o todo do sistema, sem que uma das partes se sinta não atendida em suas necessidades. Intervir sem eleger culpados, ou identificando um objeto como problema, ser instrumento de auxílio com uma conduta que viabilize uma comunicação saudável, harmônica entre as partes no ambiente terapêutico, mesmo quando os membros da família vêm com grande agressividade. Colocar o limite, sem romper com o afeto. "
- 8 O respeito pela diversidade, encontrar valores nas famílias a serem ressaltados, a redução das resistências encontradas, a adequação da comunicação e a tolerância ao stress.
- 9 Às resistências ao trabalho
- 10 Ter uma prática pautada na ética, aproximando de forma mais fiel a escuta (acolhedora) com a elaboração dos relatórios, para decisão judicial. Dar visibilidade a história particular da família em questão.

11 Individualidade de cada família

12 O maior desafio observado é ainda quanto às crenças de que existe uma forma única de ser família, o pensamento é ainda bem rígido e muitos pais e familiares tendem a trazer práticas de outras gerações para um contexto que já não cabe. A busca por auxílio é ainda demorado por falta de um despertar no início das dificuldades que poderão vir a se tornarem a longo prazo patológicas. Ainda observo o pensamento do tipo " adolescência é assim mesmo; "na minha época também foi assim"; " filhos não tem querer" e assim por diante. O não reconhecimento de que o contexto atual pede outras práticas parentais.

13 formação continuada

14 Se forem habilidades próprias o indivíduo só precisa dos esforços necessários para aprimorá-las e ligá-las ao conhecimento e prática. Do contrário, alguém em cuja disposição não se encontra determinada habilidade, poderá desenvolvê-la até certo ponto, mas sempre lhe parecerá algo falso e distante de suas forças espontâneas (tal como ocorrer nas competências em mercados corporativistas, que demandam capacidades e aí os sujeitos quem tentar 'se encaixar').

15 O maior desafio é livrar sua escuta e sua intervenção de posturas e práticas preconceituosas

16 O maior desafio é o respeito à diversidade das famílias e aos valores e cultura que cada uma tem e ao mesmo tempo delimitar o que é diversidade cultural e o que é violação de direito de um membro da família.

17 Formação.

18 Saber o momento certo da intervenção

19 Resistência à mudanças. Questões de rompimento de ciclos e padrões familiares

20 Tempo de leitura, estudos e atualização

21 Saber conduzir as sessões pra que os participantes consigam se expressar com relação que que pensam e sentem, facilitando assim a comunicação entre eles; valorizar as diferenças e proporcionar espaço para reflexão e mudança

22 Saber manejar os possíveis conflitos que possam surgir durante as sessões.

Questão 4	F	Exemplo	F%
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>3</b>	Resposta 10"Ter uma prática pautada na ética, aproximando de forma mais fiel a escuta (acolhedora) com a elaboração dos relatórios, para decisão judicial. Dar visibilidade a história particular da família em questão".	<b>9,37</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>25</b>	Resposta 8"O respeito pela diversidade, encontrar valores nas famílias a serem ressaltados, a redução das resistências encontradas, a adequação da comunicação e a tolerância ao stress".	<b>78,13</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>4</b>	Resposta 12 "O maior desafio observado é ainda quanto às crenças de que existe uma forma única de ser família, o pensamento é ainda bem rígido e muitos pais e familiares tendem a trazer práticas de outras gerações para um contexto que já não cabe. A busca por auxílio é ainda demorado por falta de um despertar no início das dificuldades que poderão vir a se tornarem a longo prazo patológicas. Ainda observo o pensamento do tipo " adolescência é assim mesmo; "na minha época também foi assim"; " filhos não tem querer" e assim por diante. O não reconhecimento de que o contexto atual pede outras práticas parentais".	<b>12,5</b>
<b>Total</b>	<b>32</b>		

**Questão 5 Qual é o elo ou a ligação comum das práticas profissionais diferentes profissões quanto as habilidades de o apoio familiar?**

- 1 O investimento pessoal -profissional e o compromisso ético
- 2 Escuta e estudos sobre a natureza sistêmica dos fenômenos
- 3 Cuidar do ser humano
- 4 saber reconhecer a diversidade, a pluralidade, a complexidade e a singularidade
- 5 Entender o ser humano em todas as nuances do seu comportamento.
- 6 A saúde dos vínculos familiares.
- 7 Empatia e disponibilidade para o atendimento.
- 8 A empatia e o respeito
- 9 São trabalhos complementares
- 10 A ligação seria quanto ao entendimento desse indivíduo como todo, considerando os aspectos biopsicosocial.
- 11 Acolhimento
- 12 Ensinar habilidades socioemocionais às famílias, como educação compassiva, comunicação não violenta, educação emocional, orientação para soluções.

- 13 interesse pelo cuidado com o outro
- 14 O sentimento de 'humanidade' traz para consigo esse 'elo de ligação', uma vez que com essa atitude as características - ainda divergentes - começam a trabalhar para algo comum a todos.
- 15 A escuta
- 16 Os diferentes profissionais lidam com as mesmas famílias e podem perceber as dificuldades que atravessam a situação e agir no sentido de sanar as dificuldades, seja prestando orientação, encaminhamentos, aconselhamento, escuta, etc.
- 17 Saber acolher, ter empatia.
- 18 Por vezes há necessidade do Serviço social ou médico ou judicial intervir. Evidentemente são complementares, cada um com seus deveres éticos nem
- 19 Percebo pouco elo. Cada formação aborda o tema família de uma forma diferente
- 20 O superior interesse das crianças e o menor prejuízo dentro de uma dinâmica bélica na família .
- 21 Acolhimento, psicoeducação e suporte
- 22 Todas trabalham no sentido de facilitar o diálogo entre os membros da família.

Questão 5	F	Exemplo	F%
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>9</b>	Resposta 8 "A empatia e o respeito"	<b>40,9</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>5</b>	Resposta 1 "O investimento pessoal -profissional e o compromisso ético"	<b>22,73</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>8</b>	Resposta 20 "O superior interesse das crianças e o menor prejuízo dentro de uma dinâmica bélica na família" .	<b>36,37</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>		

**Questão 6 Na sua opinião, idealmente quais são as habilidades que os profissionais deveriam ter no apoio às famílias?**

- 1 Manter uma postura crítica e reflexiva
- 2 Escuta, empatia e conhecimento técnico
- 3 Empatia
- 4 as mesmas apontadas como necessárias: saber reconhecer a diversidade, a pluralidade, a complexidade e a singularidade
- 5 Conhecimento teórico e prático em psicologia, psicopedagogia e psicomotricidade.
- 6 Psicologia não é imunidade, mas é compromisso com a saúde. O profissional precisa estar atento às suas próprias dificuldades familiares para não contaminar o trabalho com as suas expectativas ou acomodações.

- 7 Estudo, empatia e neutralidade com as partes do todo. Afetos direcionados ao bem estar coletivo.
- 8 Formação contínua, espaços de reflexão sobre a prática, formação interdisciplinar e inovação.
- 9 Conhecimento e técnicas
- 10 Além da ética e competências, respeito e cuidado na elaboração dos relatórios.
- 11 Estratégias e recursos para elaboração das questões familiares
- 12 A primeira é mais importante, uma escuta ativa e se colocar no lugar de um agente de apoio e transformação, em que possa dar voz à esta família, considerando que ela tem as respostas que buscam. Entendo como fundamental não dar respostas prontas, como se tivesse um jeito único e definido de criar filhos ou viver em harmonia familiar, mas que cada uma família encontra seu próprio jeito quando respeitam sua própria individualidade enquanto um sistema familiar em que cada um mantém sua individualidade e respeita a do outro.
- 13 cuidado com o outro, respeito
- 14 Habilidades ligados ao 'viver a vida' e não habilidades construídas 'de fora para dentro'. Qualquer habilidade pode ser útil nesse campo.
- 15 Habilidade de escuta livre de ideias e ideais pré-concebidos
- 16 Acima de tudo, respeito à diversidade de ser família mas sem perder de vista que a proteção aos vulneráveis precisa ser garantida. Por exemplo, uma família pode ter como modo de vida o trabalho na lavoura e naturalizar e até valorizar o trabalho infantil. Nesse caso, é preciso garantir a proteção da criança, o direito à educação, a não exploração do trabalho infantil.
- 17 Empatia.
- 18 Escuta apurada, entendimento dos benefícios gerais da interdisciplinaridade, cada um tratar dos deveres relativos às suas especialidades. Respeito às famílias e aos profissionais parceiros.
- 19 Habilidades socioemocionais conhecimento de desenvolvimento humano e conhecimento de abordagem sistêmica e teoria de família
- 20 "Ética, manejo, escuta, sensibilidade, princípios , bom relacionamento com colegas e uma busca incessante de estudos na Área "
- 21 Perspicácia, sensibilidade, ter conhecimento de dinâmica de grupo, ter referencial teórico pra fazer leitura sistêmica e capacidade de coconstruir
- 22 Acolhimento e empatia.

Questão 6	F	Exemplo	F%
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>10</b>	Resposta 20 "Ética, manejo, escuta, sensibilidade, princípios , bom relacionamento com colegas e uma busca incessante de estudos na Área "	<b>33</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>10</b>	Resposta 12 "A primeira é mais importante, uma escuta ativa e se colocar no lugar de um agente de apoio e transformação, em que possa dar voz à esta família, considerando que ela tem as respostas que buscam. Entendo como fundamental não dar respostas prontas, como se tivesse um jeito único e definido de criar filhos ou viver em harmonia familiar, mas que cada uma família encontra seu próprio jeito quando respeitam sua própria individualidade enquanto um sistema familiar em que cada um mantém sua individualidade e respeita a do outro".	<b>33</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>10</b>	Resposta 16 "Acima de tudo, respeito à diversidade de ser família mas sem perder de vista que a proteção aos vulneráveis precisa ser garantida. Por exemplo, uma família pode ter como modo de vida o trabalho na lavoura e naturalizar e até valorizar o trabalho infantil. Nesse caso, é preciso garantir a proteção da criança, o direito à educação, a não exploração do trabalho infantil".	<b>33</b>
<b>Total</b>	<b>30</b>		

**Questão 7 Essas habilidades são diferentes das que já existem? Em quê?**

- 1 Não saberia generalizar
- 2 Estamos em constante aprimoramento
- 3 Não
- 4 não
- 5 Sim, porque cada profissional fica somente na sua área.
- 6 Não são diferentes. O grande salto é a capacidade de orquestrar os conhecimentos teórico-técnicos com a sensibilidade e criatividade.
- 7 Falei dessas mesmas habilidades de diversas formas diferentes ao longo das respostas às questões. Não são diferentes, mas nem todos os profissionais as possuem.
- 8 Nem tanto, mas poderia ser incentivado aos profissionais repensar continuamente a respeito de suas práticas e a acrescentar sempre que possível, novos marcos conceituais e teóricos
- 9 Há casos em que é preciso adaptar a técnica

- 10 Acredito que já existem, mas nem todos trabalham da mesma forma, ou que as possuem.
- 11 Não sei
- 12 Ainda percebo muitos profissionais dando fórmulas para as famílias e isso mantém a crença de que são inadequados em suas funções. Claro, os membros de uma família precisam de fato de autoconhecimento para fazer as próprias escolhas, assumir suas as inabilidade que têm para construir habilidades novas, tornando-se competentes em sua própria jornada.
- 13 não
- 14 Todas essas habilidades já existem e o que nos falta é a séria atitude para desenvolvê-las e não nos tornarmos um instrumento automático que só visa desenvolver recursos afim de ganhar dinheiro.
- 15 Acho que não
- 16 Essas habilidades não são exatamente técnicas que se ensina aos profissionais e sim valores políticos e humanos inerentes à ética da profissão.
- 17 Sim. Empatia é algo que não se ensina nos cursos.
- 18 Podem se assemelhar, como a escuta, por exemplo, mas a posição do profissional com seu foco de interesse é diferente. A sugestão, julgamento ou o comando de uma ordem não faz parte das tarefas do psicólogo
- 19 Conheço poucos profissionais habilitados em teoria sistêmica. Em geral os profissionais trabalham mais questões individuais do que os sistemas familiares
- 20 Aparentemente não, mas pode existir sim e só querer achar...
- 21 "Penso que estamos em constante aprendizado e desenvolvimento, o que se traduz na atuação de cada profissional"
- 22 Sem resposta.

	N
Não compreendeu a pergunta	1
Não saberia dizer	2
Não	13
Sim	5
Sem resposta	1

Questão 7	F	Exemplo	F%
1. Atitudes/Atributos	3	Resposta 17 "Sim. Empatia é algo que não se ensina nos cursos".	25
2. Habilidades Técnicas	3	Resposta 9 "Há casos em que é preciso adaptar a técnica"	25
3. Conhecimento Específicos	6	Resposta 21 "Penso que estamos em constante aprendizado e desenvolvimento, o que se traduz na atuação de cada profissional"	50
<b>Total</b>	<b>12</b>		

**Questão 8 O que é necessário fazer para alcançar as habilidades ideais no apoio às famílias?**

- 1 Formação teórica, supervisão e análise pessoal
- 2 Estudar e analisar suas próprias práticas e demandas
- 3 Entender quais são as necessidades
- 4 formação teórica, terapia pessoal e supervisão
- 5 Se qualificar mais.
- 6 Tempo. Ao contrário das muitas profissões que requerem juventude, força e beleza as profissões de saúde mental exigem tempo para amadurecer o profissional.
- 7 Estudar, se manter em psicoterapia, ser sensível ao não aparente, observador e habilidoso na escuta e estar disponível ao atendimento pelo amor a profissão e não por tentar resolver questões familiares, partindo de sua própria história.
- 8 Formação contínua, espaços de reflexão sobre a prática, formações interdisciplinares e inovação.
- 9 Ter uma formação e estudar de forma constante
- 10 Dando suporte, capacitando, investindo no desenvolvimento dos profissionais (cursos/encontros, para que possam trocar experiências), além de acompanhamento.
- 11 Estudos e práticas
- 12 Estar continuamente se atualizando nos estudos científicos da área e principalmente aplicando na própria vida, para perceber e entender os desafios que cada família tem. Como profissional e mãe, percebo que não é a teoria que vai nos levar à harmonia que tanto buscamos, mas está teoria na prática.
- 13 querer
- 14 "Mente quieta, espinha ereta e coração tranquilo"
- 15 Análise
- 16 Ouvir as famílias, trocar experiências com outros profissionais, estudar, se informar.
- 17 Formação continuada, estudo de caso com supervisão.
- 18 Estudo e prática clínica
- 19 Formação contínua
- 20 Se aprimorar, escutar, ter compaixão, estudar e amar o que faz.
- 21 Estudar, praticar, ter estrada de vida, maturidade, estabelecer empatia e agir
- 22 Ver o indivíduo como um todo, ou seja, corpo e mente.

Questão 8	F	Exemplo	F%
1. Atitudes/Atributos	4	Resposta 10 "O manejo das possibilidades e limites éticos de cada atribuição que é demandada".	<b>10,8</b>
2. Habilidades Técnicas	18	Resposta 8 "Diferenças culturais, diferentes concepções de família, diferentes quadros económicos e de políticas públicas. tudo isso torna muito difícil identificar necessidades e de compará-las"	<b>48,65</b>
3. Conhecimento Específicos	15	Resposta 19 "Cursos de formação específicos e locais para reflexão da prática" psicológica	<b>40,55</b>
<b>Total</b>	<b>37</b>		

**Questão 9 Na sua opinião, quais são os desafios para padronizar as habilidades dos profissionais que prestam apoio às famílias?**

- 1 Capacitação permanente
- 2 Acredito que o ideal não seja padronizar, já que os atendimentos são pensados e realizados para atender às pessoas atendidas, que são sujeitos únicos
- 3 Não acredito nessa padronização pois as necessidades são diferentes
- 4 sensibilizar os gestores e as instituições para uma melhor capacitação
- 5 Conseguir se atualizar sempre nas técnicas que surgem.
- 6 Os protocolos técnicos e teóricos, somente isto.
- 7 O conteúdo inato e aprendido que cada um traz como bagagem é totalmente diferente. Assim como, as motivações para estarem ali trabalhando com famílias. Padronizar é um grande desafio para instrumentos humanos únicos!
- 8 Diferenças culturais, diferentes concepções de família, diferentes quadros económicos e de políticas públicas. tudo isso torna muito difícil identificar necessidades e de compará-las
- 9 Realizar pesquisas
- 10 O manejo das possibilidades e limites éticos de cada atribuição que é demandada.
- 11 A resistência de cada profissional
- 12 A visão de que apenas com o conhecimento é possível prestar apoio às famílias, isso não é verdadeiro do meu ponto de vista. Um profissional que não se conhece, não lidou com as próprias feridas pode não ter a habilidade de ouvir compassivamente, de acolher demandas por julgá-las menos importante. É fundamental a escuta qualificada e saber fazer perguntas que leve às famílias a reflexão profunda e ativa de suas próprias histórias.
- 13 nao gosto de padronizações, acho que cada sujeito é unico e a intereacao com o outro também

- 14 A padronização só serve como instrumento de coerção para tentar controlar a multiplicidade de formas e características. O que podemos é, a partir do próprio 'desafio do viver' se apresente a próxima etapa para cada profissional, cada vida individual.
- 15 Não acho que a padronização deva ser um horário bético a ser alcançado
- 16 A dificuldade reside na diferença que há entre os profissionais na visão que têm de seu trabalho. Mas acredito que são possíveis o debate e a reflexão constantes sobre a atuação e que isso aprimora as habilidades.
- 17 Formação
- 18 Não entendo o que seria padronizar habilidades
- 19 Cursos de formação específicos e locais para reflexão da prática psicológica
- 20 Colocar nos conselhos a nossa leitura e batalhar para que seja aprovado e difundido
- 21 Autodesenvolvimento constante
- 22 Sem resposta

	<b>N</b>
<b>SIM</b>	<b>15</b>
<b>NÃO</b>	<b>6</b>
<b>SEM PRESPOSTA</b>	<b>1</b>

<b>Questão 9</b>	<b>F</b>	<b>Exemplo</b>	<b>F%</b>
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>2</b>	Resposta 10 "O manejo das possibilidades e limites éticos de cada atribuição que é demandada".	<b>8,34</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>15</b>	Resposta 8 "Diferenças culturais, diferentes concepções de família, diferentes quadros econômicos e de políticas públicas. tudo isso torna muito difícil identificar necessidades e de compará-las"	<b>62,5</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>7</b>	Resposta 19 "Cursos de formação específicos e locais para reflexão da prática psicológica"	<b>29,2</b>
<b>Total</b>	<b>24</b>		

**Questão 10** Acha que os profissionais podem ser treinados para que desenvolvam as habilidades necessárias?

- 1 Sim
- 2 Sim
- 3 Sim

- 4 Sim
- 5 Sim
- 6 Sim
- 7 Sim
- 8 Sim
- 9 Sim
- 10 Sim
- 11 Sim
- 12 Sim
- 13 Sim
- 14 Não
- 15 Sim
- 16 Sim
- 17 Sim
- 18 Não
- 19 Sim
- 20 Sim
- 21 Sim
- 22 Sim

	<b>N</b>
<b>SIM</b>	<b>20</b>
<b>NÃO</b>	<b>2</b>

**Questão 11 Que habilidades são as mais significativas para os profissionais no seu trabalho com as famílias?**

- 1 Já foram ditas anteriormente
- 2 Escuta, empatia e conhecimento de técnicas e dos fenômenos sistêmicos
- 3 Já respondido anteriormente
- 4 capacidade de acolher, escutar, analisar e saber dialogar com outros campos de conhecimento

- 5 Ética e experiência.
- 6 Ouvir o dito e o não dito pelas famílias.
- 7 Escuta, observação, perspicácia, respeito as diferentes histórias, empatia e neutralidade.
- 8 Empatia e afetividade, espontaneidade, capacidade de boa comunicação, capacidade de observação, abordagem não prescritiva e tolerância ao stress.
- 9 Empatia, análise pessoal, conhecimento teórico
- 10 Ética, conhecimento e competência.
- 11 Nao julgamento, acolhimento e intervencao
- 12 Todas as habilidades socioemocinais: empatia, escuta ativa, acolhimento, discernimento, habilidade em resolução de conflitos, flexibilidade cognitiva, a prática do não julgamento, não achar que sabe o que o outro deve fazer...
- 13 escuta, cuidado e respeito
- 14 As de cunho sócio-emocional, pois são as mais simples e mais difíceis de 'serem treinadas'.
- 15 Escuta e empatia
- 16 Respeito, escuta, e também atitude no sentido da proteção quando houver alguma violação de direitos.
- 17 Empatia
- 18 A escuta e a intervenção
- 19 Habilidades socioemocionais , conhecimento da teoria sistêmica e desenvolvimento humano
- 20 De leitura, paciência , análise, reflexão
- 21 Saber olhar, perguntar, ouvir, provocar reflexões e estimular soluções novas pra problemas antigos
- 22 Saber ouvir.

<b>Questão 11</b>	<b>F</b>	<b>Exemplo</b>	<b>F%</b>
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>21</b>	Resposta 10 "O manejo das possibilidades e limites éticos de cada atribuição que é demandada".	<b>32,81</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>32</b>	Resposta 8 "Diferenças culturais, diferentes concepções de família, diferentes quadros econômicos e de políticas públicas. tudo isso torna muito difícil identificar necessidades e de compará-las"	<b>50</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>11</b>	Resposta 19 "Cursos de formação específicos e locais para reflexão da prática psicológica"	<b>17,19</b>
<b>Total</b>	<b>64</b>		

**Questão 12 Na sua opinião, há profissionais que precisam de apoio em algumas das áreas de habilidades?**

- 1 Sim
- 2 Não sei
- 3 Sim
- 4 Sim
- 5 Sim
- 6 Sim
- 7 Sim
- 8 Sim
- 9 Sim
- 10 Sim
- 11 Não sei
- 12 Sim
- 13 Sim
- 14 Sim
- 15 Sim
- 16 Sim
- 17 Sim
- 18 Sim
- 19 Sim
- 20 Sim
- 21 Sim
- 22 Sim

<b>Questão 12</b>	<b>N</b>
<b>SIM</b>	<b>20</b>
<b>NÃO</b>	<b>0</b>
<b>NÃO SABE</b>	<b>2</b>

Questão 13 Quais? E, qual o tipo de apoio?

- 1 Valorização das instituições públicas quando se tratar de funcionário público
- 2 Atendimento psicológico e formação continuada
- 3 Comunicação e estilo de enfrentamento
- 4
- 5 Maior facilidade em conseguir estágios na área.
- 6 Supervisão é a principal delas. Submeter-se ao processo terapêutico e Supervisão horizontal (entre pares, sem a figura de um supervisor)
- 7 Supervisão, atendimento em conjunto, aulas, psicoterapia.
- 8 Formações contínuas, espaços de reflexão, formações interdisciplinares, supervisões e terapia pessoal.
- 9 Análise pessoal e supervisão
- 10 Conhecimento teórico e técnico, empatia (escuta acolhedora), e planejamento, como alguns exemplos.
- 11 Não sei
- 12 Principalmente em conhecer a si mesmo e seus pontos de melhoria, assim como seus pontos já fortes.
- 13 troca, discussão de caso, escuta
- 14 Supervisão, roda de conversa, apoio emocional, referências, etc
- 15 Todos os profissionais precisam de apoio no desenvolvimento de suas habilidades. Tipo de apoios: formação continuada, trocas regulares entre os pares e também trocas interdisciplinares
- 16 Supervisão do trabalho e reuniões de equipe
- 17 Aprender a escutar sem julgar
- 18 Promover especializações, pós graduação, estudos aplicados, supervisões e trocas de experiências.
- 19 Formação contínua
- 20 Analistas e supervisão, pessoas disponíveis a ajudar a difundir suas experiências e conteúdo .
- 21 Supervisão, feedback, coaching
- 22 Saber lidar com os conflitos que surgem durante as sessões, ouvir sem fazer alianças.

<b>Questão 13</b>	<b>F</b>	<b>Exemplo</b>	<b>F%</b>
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>1</b>	Resposta 10 "Conhecimento teórico e técnico, empatia (escuta acolhedora), e planejamento, como alguns exemplos".	<b>2,43</b>
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>25</b>	Resposta 6 "Supervisão é a principal delas. Submeter-se ao processo terapêutico e Supervisão horizontal (entre pares, sem a figura de um supervisor)".	<b>60,97</b>
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>15</b>	Resposta 8 "Formações contínuas, espaços de reflexão, formações interdisciplinares, supervisões e terapia pessoal".	<b>36,6</b>
<b>Total</b>	<b>41</b>		

**Questão 14 Como colocaria hierarquicamente (ou em ordem de importância), suas habilidades profissionais ao apoio às famílias?**

- 1 Ética(1) profissional em primeiro lugar
- 2 Escuta(1), empatia(2) e conhecimento técnico(3)
- 3 "Acolhimento(1) Empatia (2)"
- 4 escuta (1) acolhimento(2) diálogo com outros saberes(3)
- 5 Amor pelo que faz(1), conhecimento teórico(2), ética profissional(3), conhecimento prático(4).
- 6 Estudos consistentes(1) e empatia(2).
- 7 Observação(1), neutralidade(2), empatia(3) e perspicácia(4)
- 8 1-empatia/afetividade 2-espontaneidade 3- comunicação 4-capacidade de observação 5-abordagem não prescritiva 6-tolerância ao stress e terapia pessoal
- 9 Conhecimento(1), técnica(2), experiência prática(3)
- 10 Ética(1), conhecimento(2) e competência(3).
- 11 Escuta(1), acolhimento(2), técnicas(3)
- 12 "Integridade(1) Escuta compassiva(2),Empatia(3),Acolhimento(4),Gentileza(5),Gratidão(6),Resolução de problemas(7),Resiliência(8),Flexibilidade cognitiva(9),Assertividade(10)"
- 13 escuta(1), respeito(2), cuidado(3)
- 14 Prefiro não responder
- 15 Escuta acolhedora(1) e depois empatia(2)
- 16 Observação(1), escuta(2), respeito(3), intervenções firmes(4) quando necessário, articulação com a rede(5) de atendimento nas hipóteses cabíveis.
- 17 Conhecimento(1), experiência(2), empatia(3).

- 18 Desejo em aprender(1), apurar a escuta(2), abstrair valores pessoais(3), entender o momento da intervenção(4).
- 19 Empatia(1) e conhecimento técnico(2)
- 20 Amor pelo que faz(1), solidariedade(2) Estudos técnicos(3), ética(4) e seriedade(5)
- 21 Confiança(1), postura adequada(2), curiosidade genuína(3), saber perguntar e fazer "open questions"(4) pra gerar reflexões e sinergia entre as partes(5)
- 22 Ouvir(1), ter empatia(2) e manejar os conflitos(3).

#### Questão 14

Primeiro lugar	Segundo lugar	Terceiro lugar	Quarto lugar
escuta 6 Conhecimento 4  ética 3 empatia 3  comprometimento 2 técnicas de observação 2 emocion. e terapia pessoais 1	empatia 8 conhecimento 3 abordagem não prescritiva 2 postura profissional 1 apropriação da linguagem 1	organizar formas de ajuda 3 empatia 3  conhecimento 2 ética 1  flexibilidade cognitiva 1 portural profissional 1 uso da comunicação 1 abordagem 1 técnicas observação 1 conhecimento de familia 1	abordagem 3 precisão 2

#### Questão 15 Das habilidades que nomeou anteriormente, como as categorizaria nas seguintes dimensões: atitudes/atributos; conhecimentos específicos; habilidades técnicas?

- 1 Altitudes/atributo- Não compreendeu a pergunta
- 2 Não entendi - Não compreendeu a pergunta
- 3 Estão em todas as categorias - Não compreendeu a pergunta
- 4 ética (atitude); reconhecimento da diversidade (conhecimento.); escuta e acolhimento (habilidade.)
- 5 "Atitudes/atributos: amor pelo que faz e ética profissional;  
 Conhecimentos específicos: conhecimento teórico, e atualizações;  
 Habilidades técnicas: conhecimento na prática."
- 6 Segundo Jung, devemos estudar de tudo, conhecer de tudo e abandonar tudo quando estivermos diante do paciente - Não compreendeu a pergunta

- 7 "Habilidade técnica: perspicácia e neutralidade Conhecimentos específico: observação  
Atributo: empatia"
- 8 "atitudes: empatia, espontaneidade e tolerância ao stress,  
conhecimentos: capacidade de observação,  
habilidades técnicas: comunicação, abordagem não prescritiva e tolerância ao stress"
- 9 Muito importantes - Não compreendeu a pergunta
- 10 Atitude / atributos são comportamentos, valores éticos de cada um; conhecimento são as informações, saber teórico e prático que adquirimos durante a vida; habilidades técnicas seriam a capacidade que desenvolvemos para aplicar o conhecimento específico.
- 11 Habilidades técnicas - Não compreendeu a pergunta
- 12 Atitudes/atributos- Não compreendeu a pergunta
- 13 atitudes - Não compreendeu a pergunta
- 14 "Atitudes/Atributos: capacidades sócio emocionais  
Conhecimentos específicos e habilidades técnicas: capacidades intelectuais "
- 15 Empatia: atitudes; escuta acolhedora: conhecimento específico; intervenções livres de ideias preconcebidas: habilidades técnicas
- 16 Observação, escuta, respeito - atitudes/atributos, intervenções firmes quando necessário - habilidades técnicas/atitudes, articulação com a rede de atendimento nas hipóteses cabíveis - conhecimentos específicos, habilidades técnicas, atitudes. Acho difícil separar em categorias, acho que cada habilidade é o resultado de atitudes/atributos; conhecimentos específicos; habilidades técnicas
- 17 Não sei dizer - Não compreendeu a pergunta
- 18 Todas acima - Não compreendeu a pergunta
- 19 Atributo e técnica - Não compreendeu a pergunta
- 20 Conhecimento específico , habilidades técnicas e atitudes/tributos - Não compreendeu a pergunta
- 21 CHA, digo, conhecimento, habilidade e atitude - Não compreendeu a pergunta
- 22 Habilidades técnicas - Não compreendeu a pergunta

<b>Questão 15</b>		<b>N</b>
<b>Atitudes/Atributos</b>	empatia	<b>4</b>
	ética	<b>3</b>
	comprometimento	<b>1</b>
	emocional	<b>1</b>
	flexibilidade cognitiva	<b>1</b>
	observação	<b>1</b>
	escuta	<b>1</b>
<b>Conhecimento Específicos</b>	conhecimento e atualização	<b>3</b>
	observação	<b>2</b>
	escuta	<b>1</b>
	parcerias	<b>1</b>
	diversidade	<b>1</b>
<b>Habilidades Técnicas</b>	aborgagem	<b>4</b>
	escuta	<b>1</b>
	empatia	<b>1</b>
	comunicação	<b>1</b>
	emocional	<b>1</b>
	se capacitar	<b>1</b>
	precisão	<b>1</b>

#### **Questões 16, 17, 18, 19 20 e 21 – Quadro 2 – Participantes - Anexo**

##### **4.1.1 Participantes**

A amostra do presente estudo foi constituída de vinte e dois participantes com a condição de que fossem psicólogos brasileiros e que trabalhassem no Brasil.

Os participantes são originários de 2 Estados brasileiros, 19 participantes do Estado do Rio de Janeiro e 3 participantes do Estado de São Paulo.

Dos 22 participantes 4 são de sexo masculino e 18 do sexo feminino.

A idade média desses profissionais é de 51,45 anos.

A média de tempo de experiência e carreira profissional como psicólogos é de 22,27 anos.

Os locais de trabalho foram muitos e alguns participantes trabalhavam em mais de um tipo de instituição, divididos da seguinte forma: 6 trabalham em Instituição Governamental, 4 trabalham em clínicas, 4 trabalham em consultório particular, 2 não responderam, 1 trabalha em consultório particular e em universidade (como professor), 1 trabalha em consultório particular, perícia e assistência judiciária, 1 trabalha em clínica, perícia e assistência judiciária, 1 trabalha em consultório particular, Tribunal Vara de Família, perícia e assistência judiciária, 1 trabalha no Tribunal de Justiça da Infância e Juventude e 1 dos participantes é psicólogo empreendedor.

As profissões complementares e especialidades, além da psicologia clínica, foram: 4 peritos forenses, 3 psicanalistas, 2 educadores ou pedagogos, 1 professor, 1 psicopedagogo e 1 terapeuta familiar.

#### 4.1.2 Questionário

Quadro 3 - Questionário Valores Totais Síntese		
Momento da avaliação (n=22)		
Categorias	Frequencia Absoluta	Frequencia Relativa
<b>Total de Respostas Analisadas 390</b>	<b>390</b>	<b>100%</b>
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>91</b>	<b>23,33</b>
ética	20	
ser empático e compassivo	55	
flexibilidade cognitiva e capacidade de processar informações complexas	6	
comprometimento	10	
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>194</b>	<b>49,74</b>
<b>de se capacitar</b>		
emocionalmente (emoções, tolerância e frustração) terapias pessoais	24	
entender a dinâmica familiar, necessidades e possíveis riscos (negligência e violência)	1	
postura profissional (ter consciência de seu poder, posição e a forma de utilizá-los)	15	
<b>de capacitar as famílias</b>		
abordagem positiva, encorajar mudanças e motivar os pontos fortes	7	
ajudar no reconhecimento de suas dificuldades		
promover a auto-regulação e responsabilização	2	
<b>de comunicação e apoio narrativo</b>		
boa escuta	52	
bom uso e a compreensão da comunicação verbal e não verbal	9	
apropriação da linguagem as faixas etárias, culturas, religião e composições familiares	2	
utilizar de meios como a facilitação, repetição, clarificação e interpretação	2	
ajudar a reconhecer crenças e valores	11	
<b>de decisão e as capacidades de resolução de problema</b>		
organizar formas específicas de ajuda	6	
ter precisão de conteúdo e de tempo	1	
capacidade de decisão		
<b>de planeamento</b>		
de ter uma abordagem não prescritiva, mais flexiva e adaptada às necessidades	19	
compreender questões de igualdade e de diversidade	17	
criar parcerias com outros setores e criar redes de apoio para as famílias e para os profissionais	20	
Competencia de gestão e organização	6	
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>105</b>	<b>26,93</b>
formação académica e atualizações constantes	82	
conhecimentos legais e jurídicos (prioridade na criança, idosos e pessoas vulneráveis)	5	
práticas baseadas em evidências (EBP, EBA e EBTs)		
de ferramentas de avaliações sócio-psico-mentais-educacionais	2	
técnicas de observação	3	
técnicas e conhecimento do desenvolvimento infantil, humano e de família	13	

Quadro 4 - Valores Totais Completo												
Número de referência das questões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	11	13	Totais Absolutos
Critérios												
<b>1. Atitudes/Atributos</b>	<b>24</b>	<b>13</b>		<b>3</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>21</b>	<b>1</b>	<b>91</b>
ética	6	3		1	2	2	1		1	4		20
ser empático e compassivo	16	9			6	7	2	2		13	1	55
flexibilidade cognitiva e capacidade de processar informações complexas	1			2		1				2		6
comprometimento	2	1			1		1	2	1	2		10
<b>2. Habilidades Técnicas</b>	<b>28</b>	<b>22</b>	<b>13</b>	<b>25</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>18</b>	<b>15</b>	<b>32</b>	<b>25</b>	<b>194</b>
<b>de se capacitar</b>												
emocionalmente (emoções, tolerância e frustração) terapias pessoais	2			1		1		4	1	5	10	24
atualizações constantes												
entender a dinâmica familiar, necessidades e possíveis riscos (negligência e violência)				1								1
postura profissional, ter consciência de seu poder, posição e a forma de utilizá-los	2	1	2	3		1		5		1		15
<b>de capacitar as famílias</b>												
abordagem positiva, encorajar mudanças e motivar os pontos fortes		1							6			7
ajudar no reconhecimento de suas dificuldades												
promover a auto-regulação e responsabilização	1									1		2
<b>de comunicação e apoio narrativo</b>												
boa escuta	10	10	5	1	3	5	1	4	1	11	2	52
bom uso e a compreensão da comunicação verbal e não verbal	1			3	1					3	1	9
apropriação da linguagem as faixas etárias, culturas, religião e composições familiares	1	1										2
utilizar de meios como a facilitação, repetição, clarificação e interpretação	1	1										2
ajudar a reconhecer crenças e valores	1	1		8					1			11
<b>de decisão e as capacidades de resolução de problema</b>												
organizar formas específicas de ajuda	2		1				2			1		6
ter precisão de conteúdo e de tempo										1		1
capacidade de decisão												
<b>de planejamento</b>												
de ter uma abordagem não prescritiva, mais flexível e adaptada às necessidades	1	4	5							6	3	19
compreender questões de igualdade e de diversidade	2	3		6	1	2			1	2		17
criar parcerias com outros setores e criar redes de apoio para as famílias e para os profissionais	2			1		1		5	1	1	9	20
Competência de gestão e organização	1			1					4			6
<b>3. Conhecimento Específicos</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>15</b>	<b>105</b>
formação acadêmica	8	4	8	4	4	9	5	15	6	5	14	82
conhecimentos legais e jurídicos (prioridade na criança, idosos e pessoas vulneráveis)	2				1	1				1		5
práticas baseadas em evidências (EBP, EBA e EBTs)												
de ferramentas de avaliações sócio-psicomentais-educacionais	1		1									2
técnicas de observação										3		3
técnicas e conhecimento do desenvolvimento infantil, humano e de família	3				3		1		1	2		13
<b>Totais por questão</b>	<b>66</b>	<b>41</b>	<b>22</b>	<b>32</b>	<b>22</b>	<b>30</b>	<b>12</b>	<b>37</b>	<b>24</b>	<b>64</b>	<b>40</b>	

## 5. Discussão

Este trabalho, através das informações nos capítulos anteriores, que foram descritas de forma sistemáticas, permitiu a reprodução de um questionário já existente e manteve a observação das diferenças culturais dos profissionais aos quais ele foi aplicado, com isso respeitou e corrigiu possíveis efeitos e impactos a seus destinatários.

O método do questionário com perguntas abertas e fechadas, foi introduzido por um protocolo previamente publicado, de solicitação de sua participação e de um resumo para cada critério e categoria que seria pesquisado.

Houve apenas um motivo de exclusão, pelo participante que ainda era estudante e por não cumprir critérios do estudo.

Os conteúdos do questionário foram analisados com os embasamentos teóricos considerando também o contexto histórico e social tanto do material explícito quanto implícito na busca do real significados das comunicações.

Os indicadores que foram divididos em categorias e subcategorias para nortear a pesquisadora a controlar qualquer perspectiva ideológica e crenças, para ajudar a controlar a subjetividade que poderia surgir proporcionando maior sistematização, objetividade e generalização dos dados obtidos.

Foi usado a contagem de frequência e todas as unidades receberam a mesma unidade de importância pela aparição e o mesmo peso.

A organização para esta discussão foi feita pela análise minuciosa e reagrupamento em ordem sequencial do mais frequente ao menos frequente e seu respectivo percentual.

Para a discussão foi excluído os resultados abaixo de 10 aparições, para que mantivesse uma homogeneização, um princípio de classificação e organização.

Ou seja, apresentaremos os resultados, categorias e subcategoria de maior pertinência e remeteremos ao referencial teórico que o sustenta.

A produtividade foi considerada boa, um total de 390 respostas, que foram sublinhadas em cada uma das perguntas do questionário, as quais possibilitaram o uso de inferências e dados exatos.

Os resultados mais relevantes das 390 respostas, nas 21 questões em seus 22 participantes foram:

1 Conhecimento Específicos: *formação acadêmica e atualizações constantes* 82(21,02%)  
– Capítulo 1.7.3

2. Atitudes/Atributos: *ser empático e compassivo* 55(14,10%) – Capítulo 1.7.1.

3. Habilidades Técnicas: de comunicação e apoio narrativo: boa escuta 52(13,33%) –  
Capítulo 1.7.2

4. Habilidades Técnicas: de se capacitar: *emocionalmente (emoções, tolerância e frustração) terapias pessoais* 24(6,15%) – Capítulo 1.7.2.

5. Habilidades Técnicas: de planeamento: *criar parcerias com outros setores e criar redes de apoio para as famílias e para os profissionais* 20(5,12%) – Capítulo 1.7.2.

5. Atitudes/Atributos: *ética* 20(5,12%) – Capítulo 1.7.1.

6. Habilidades Técnicas: de planeamento: *de ter uma abordagem não prescritiva, mais flexiva e adaptada às necessidades* 19(4,87%) – Capítulo 1.7.2.

7. Habilidades Técnicas: de planeamento: *compreender questões de igualdade e de diversidade* 17(4,35%) – Capítulo 1.7.2.

8. Habilidades Técnicas: de se capacitar: *postura profissional (ter consciência de seu poder, posição e a forma de utilizá-los)* 15(3,84%) – Capítulo 1.7.2.
9. Conhecimentos Específicos: *técnicas e conhecimento do desenvolvimento infantil, humano e de família* 13(3,33%) – Capítulo 1.7.3.
10. Habilidades Técnicas: *de comunicação e apoio narrativo: ajudar a reconhecer crenças e valores* 11(2,82%) – Capítulo 1.7.2.
11. Atitudes/Atributos: *comprometimento* 10(2,56%) – Capítulo 1.7.1.

Esse trabalho foi interpretado pelo método de Análise de Conteúdo, o qual é possível interpretar os dados com qualidade na evidência científica sem deixar de considerar os potenciais erros cometidos ao realizar as inferências.

A amostra (N=22) não pode ser considerada representativa de um país nas dimensões do Brasil.

Além desses itens de maior relevância no resultado do questionário, não podemos deixar de discutir e pensar sobre questões como negligência x superassistencialismo.

Pensar na importância suprema do trabalho em apoio às famílias e à parentalidade através do caráter preventivo (identificação, promoção e proteção), antes que se caracterize por um trabalho de caráter remediativo.

A prevenção primária que vem através de medidas simples de educação e reorganização social, através da construção de respostas no próprio local com seus pares, do compartilhamento das soluções, do trabalho de via dupla entre as equipes e as famílias.

A própria burocracia e a pressão sobre o desempenho dos profissionais e um dos desafios encontrados por esses profissionais e que prejudicam qualquer prática relacional e reflexiva.

A dificuldade de compor um conjunto único de ações advém da diversidade das famílias, dos profissionais, das intervenções e de todos os outros recursos humanos e não humanos.

É impossível imaginar esses trabalhos sem os suportes como parcerias, supervisões e as terapias pessoais.

A postura humanista dos profissionais é um exercício contante de fazer uso da neutralidade e igualdade. Ter consciência dos estressores das discriminações de raça, gênero e classe. Estressores provindos da pobreza, da saúde precária, da falta de oportunidades e da experiência de vida negativa às questões de poder e de opressão estrutural.

A dificuldade de ter uma compreensão clara da natureza do problema põe em risco a intervenção que pode se tornar inadequada, opressiva e até mesmo perigosa.

O maior de todos os desafios encontrados pelos profissionais que trabalham em apoio às famílias e à parentalidade, como também em toda a bibliografia estudada, independentemente das muitas assistências ou de nenhuma, encontra-se na aderência, no envolvimento e na coresponsabilização dos pais aos serviços de apoio.

## **6. Conclusões**

A riqueza e qualidade das respostas ao questionário foi uma surpresa muito positiva.

As respostas, não só respondiam a nossa procura quanto trouxeram uma quantidade de informação e de complementaridade aos resultados desse estudo.

Havia alguns riscos de aplicação de um questionário com perguntas abertas sem que houvesse previamente um treinamento para que os profissionais recebessem minimamente uma estrutura conceitual que vinculasse as habilidades as quais o questionário pretendia verificar com conhecimentos específicos que cada um poderia ter.

Seria desejável que os participantes recebessem a descrição completa do enquadramento do estudo teórico, incluindo a preparação de base das habilidades que seriam procuradas.

Contudo, não foi possível devido a distância entre os dois países e o tempo de realização da pesquisa.

Percebemos que, mesmo não havendo este treinamento prealável, as respostas foram de muita qualidade o que evidenciou as qualidades técnicas, teórica e práticas de todos os 22 psicólogos participantes.

Não houve preparação, não houve um treinamento conceitual profundo e concluímos através das respostas que, fortuitamente, não foi necessária.

As respostas se apresentaram de forma autênticas e garantiram a correspondência nas representações dos três eixos que foram usados na pesquisa. A grande maioria dos principais conceitos teóricos de habilidades para o apoio às famílias foram descritos nas respostas dos participantes.

O risco para a pesquisa da falta deste aprendizado prévio de preparação para o questionário, tornou-se em qualidade, pois podemos seguramente afirmar que não houve algum viés conceitual.

A falta de treinamento deu lugar a liberdade da expressão de suas qualidades profissionais, comprometidos em bases práticas, teóricas e técnicas científicas em suas próprias atividades e experiências profissionais.

Procurar novas práticas, ter esperança em progredir e desenvolver, deve ser sempre nossa meta para fazer a diferença dentro de um mundo em mudanças constantes.

Este trabalho, aqui apresentado, é apenas uma pequena contribuição para todos os, contínuos e os inúmeros, trabalhos já realizados por tantos outros profissionais, de tantas outras áreas de atuação e que certamente continuarão com muitos outros que estão por vir.

Devemos encorajar pesquisadores, investir em pesquisas a fim de explorar esse tema de natureza tão complexa e fascinante, pois não nos falta consciência de quanto todos esses resultados científicos trazem enormes benefícios para todos, pessoas, famílias, crianças e sociedade.

## **7. Referencias Bibliográficas**

- Al-khatib, B., & Norris, S. (2015). A Family Consultation Service: Single session intervention to build the mental health and wellbeing of children and their families. In *Educational and Child Psychology* (Vol. 32, Issue 4, pp. 7–20). British Psychological Society.
- Alpert, L. T., & Britner, P. A. (2009). Measuring Parent Engagement in Foster Care. *Social Work Research*, 33(3), 135–145. <https://doi.org/10.1093/swr/33.3.135>
- APA Presidential Task Force on Evidence-Based Practice. (2006). Evidence-based practice in psychology. *The American Psychologist*, 61, 271–285. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.4.271>
- Appleton, J. V, Terlektsi, E., & Coombes, L. (2015). Implementing the Strengthening Families Approach to Child Protection Conferences. *The British Journal of Social Work*, 45(5), 1395–1414. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bct211>

- Baines, D., Charlesworth, S., Turner, D., & O'Neill, L. (2014). Lean social care and worker identity: The role of outcomes, supervision and mission. *Critical Social Policy*, 34(4), 433–453. <https://doi.org/10.1177/0261018314538799>
- Barusch, A., Gringeri, C., & George, M. (2011). Rigor in Qualitative Social Work Research: A Review of Strategies Used in Published Articles. *Social Work Research*, 35(1), 11–19. <https://doi.org/10.1093/swr/35.1.11>
- Bem, L. A. de, & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico; *Psicologia Em Estudo*, Vol. 11.
- Bogo, M., Shlonsky, A., Lee, B., & Serbinski, S. (2014). Acting Like It Matters: A Scoping Review of Simulation in Child Welfare Training. *Journal of Public Child Welfare*, 8(1), 70–93. <https://doi.org/10.1080/15548732.2013.818610>
- Brandão, E. & Gonçalves, H. *Psicologia Juridica no Brasil*, Rio de Janeiro. Nau, 2004.
- Brassart, E., Prévost, C., Bétrisey, C., Lemieux, M., & Desmarais, C. (2017). Strategies Developed by Service Providers to Enhance Treatment Engagement by Immigrant Parents Raising a Child with a Disability. *Journal of Child and Family Studies*, 26(4), 1230–1244. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0646-8>
- Bridge, G. (1999). Child as a training strategy: Social work with disabled children and their families. *Infant Observation*, 2(2), 51–66. <https://doi.org/10.1080/13698039908400547>
- Brito, L. Síndrome de Alienação Parental: da teoria norte-americana à nova lei brasileira. *Psicologia: ciência e profissão*. V.31, n.2, 2011, p 268-283.
- Carspecken, P. F. (2011). Pesquisa Qualitativa Crítica: conceitos básicos. *Educação e Realidade*, 36(2), 395–424.
- Cedefop. (2014a). *Terminologia europejskiej polityki w dziedzinie edukacji i szkoleń : wybór 130 najważniejszych terminów*. Publications Office. <https://doi.org/doi/10.2801/15877>
- Cedefop. (2014b). *The changing nature and role of vocational education and training in Europe* (Vol. 6, Issue October). [www.cedefop.europa.eu](http://www.cedefop.europa.eu)
- Chand, A., & Thoburn, J. (2005). Research Review: Child and family support services with

- minority ethnic families: what can we learn from research? *Child & Family Social Work*, 10(2), 169–178. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2005.00367.x>
- Connell, M. (2010). Parenting plan evaluation standards and guidelines for psychologists: Setting the frame. *Behavioral Sciences & the Law*, 28(4), 492–510. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/bsl.942>
- Conselho Federal de Psicologia. 2009. A prática da Psicologia e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Brasília, Distrito Federal. 1 edição. Projeto Gráfico.
- Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, CREPOP – Referências Técnicas para a avaliação psicológicas em Varas de Família. 2ª edição. Brasília: CPF, 2019- 112. ISBN 978-65-5069-002-1
- Cox, D. J. (2012). From Interdisciplinary to Integrated Care of the Child with Autism: the Essential Role for a Code of Ethics. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 42(12), 2729–2738. <https://doi.org/10.1007/s10803-012-1530-z>
- Daly, M., Bray, R., Bruckauf, Z., Byrne, J., Margaria, A., Pecnik, N., & Samms-Vaughan, M. (2015). Family and Parenting Support: Policy and Provision in a Global Context. Innocenti. *Unicef Office of Research*, 1–106.
- Damiani-Taraba, G., Dumbrill, G., Gladstone, J., Koster, A., Leslie, B., & Charles, M. (2017). The evolving relationship between casework skills, engagement, and positive case outcomes in child protection: A structural equation model. *Children and Youth Services Review*, 79, 456–462. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.05.033>
- Darlan, S. A importância de equipe interdisciplinar. In: (Org.) Encontro de Psicólogos Jurídicos do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 1, 2000. Anais.p.15-20.
- Dessen, M. A., and Polonia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. In *Paidéia (Ribeirão Preto)* (Vol. 17). scielo .Devaney, C., Canavan, J., Landy, F. and Gillen, A. (2013). What Works in Family Support? National Guidance and Local Implementation. Dublin: Child and Family Agency. Available from: [https://www.tusla.ie/uploads/content/Tusla\\_What\\_Works\\_in\\_Family\\_Support.pdf](https://www.tusla.ie/uploads/content/Tusla_What_Works_in_Family_Support.pdf)
- Dolan, P., Pinkerton, J. & Canavan, J. (2006). Family support: from description to reflection. In P. Dolan, J. Canavan, & J. Pinkerton (Eds.), *Family support as reflective practice*. London: Jessica Kingsley Publishers.

- Dolan, P., Zegarac, N., & Arsic, J. (2020). Family Support as a right of the child. *Social Work and Social Sciences Review*, 21(2), 8–26. <https://doi.org/10.1921/SWSSR.V21I2.1417>
- Donati, P. (2019). Discovering the relational goods: their nature, genesis and effects. *International Review of Sociology*, 29(2), 238–259. <https://doi.org/10.1080/03906701.2019.1619952>
- Donzelot, J. A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro. Graal. 1989.
- Drury-Hudson, J. (1997). A model of professional knowledge for social work practice. *Australian Social Work*, 50(3) 35–44. <https://doi.org/10.1080/03124079708414096>
- Estatuto da pessoa Idosa. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Ministério dos Direitos Humanos. Brasília-DF. 2022
- Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.
- Evans, S. (2017). The Social Worker as Transdisciplinary Professional: A Reflective Account. *Australian Social Work*, 70(4), 500–507. <https://doi.org/10.1080/0312407X.2016.1265997>
- Ferguson, H. (2018). How social workers reflect in action and when and why they don't: the possibilities and limits to reflective practice in social work. *Social Work Education*, 37(4), 415–427. <https://doi.org/10.1080/02615479.2017.1413083>
- Fermino, J. M., & Patrício, Z. M. (2009). Atuação de psicólogos no Programa de Saúde da Família: o cotidiano de trabalho oportunizando repensar a formação e as práticas profissionais. *Aletheia*, pp. 113–128.
- Forrester, D., Killian, M., Westlake, D., & Sheehan, L. (2020). Patterns of practice: An exploratory factor analysis of child and family social worker skills. *Child & Family Social Work*, 25(1), 108–117. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/cfs.12664>
- Forrester, D., Westlake, D., & Glynn, G. (2012). Parental resistance and social worker skills: towards a theory of motivational social work. *Child & Family Social Work*, 17(2), 118–129. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2012.00837.x>
- García et al (2009) La intervención con familias en situación de riesgo psicosocia . Aportaciones desde un enfoque psicoeducativo. Apuntes de Psicología Colegio Oficial de Psicología de Andalucía Occidental, Vol. 27, número 2-3, pág. 413-426. Universidad de Cádiz, Universidad de Huelva. ISSN 0213-3334 Universidad de Sevilla

- Gladstone, J., Dumbrill, G., Leslie, B., Koster, A., Young, M., & Ismaila, A. (2012). Looking at engagement and outcome from the perspectives of child protection workers and parents. *Children and Youth Services Review*, *34*(1), 112–118.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2011.09.003>
- Gladstone, J., Dumbrill, G., Leslie, B., Koster, A., Young, M., & Ismaila, A. (2014). Understanding worker–parent engagement in child protection casework. *Children and Youth Services Review*, *44*, 56–64.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2014.06.002>
- Goodheart, C. D., Levant, R. F., Barlow, D. H., Carter, J., Davidson, K. W., Hagglund, K. J., Hollon, S. D., Johnson, J. D., Leviton, L. C., Mahrer, A. R., Newman, F. L., Norcross, J. C., Silverman, D. K., Smedley, B. D., Wampold, B. E., Westen, D. I., Yates, B. T., Zane, N. W., Reed, G. M., ... Bullock, M. (2006). Evidence-based practice in psychology. *American Psychologist*, *61*(4), 271–285. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.4.271>
- Harrison, R. S., Boyle, S. W., & Farley, O. W. (1999). Evaluating the Outcomes of Family-Based Intervention for Troubled Children: A Pretest-Posttest Study. *Research on Social Work Practice*, *9*(6), 640–655. <https://doi.org/10.1177/104973159900900602>
- Harvey, A. R., McCullough-Chavis, A., Littlefield, M. B., Phillips, A. D., & Cooper, J. D. (2010). A Culturally Competent Family Enhancement and Empowerment Model for African American Parents. *Smith College Studies in Social Work*, *80*(1), 70–87.  
<https://doi.org/10.1080/00377310903504940>
- Hernández, R., Fernández, C., & Baptista, L. (2014). Metodología de la Investigación. México: Editorial Trillas.
- Herrera-Pastor, D., Frost, N., & Devaney, C. (2020). Understanding contemporary Family Support: Reflections on theoretical and conceptual frameworks. *Social Work and Social Sciences Review*, *21*(2), 27–45. <https://doi.org/10.1921/SWSSR.V21I2.1420>
- Hetherington, R., & Baistow, K. (2001). Supporting families with a mentally ill parent: European perspectives on interagency cooperation. *Child Abuse Review*, *10*(5), 351–365. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/car.701>
- Hunter, W. C., Elswick, S. E., Perkins, J. H., Heroux, J. R., & Harte, H. (2017). Literacy Workshops: School Social Workers Enhancing Educational Connections between

- Educators, Early Childhood Students, and Families. *Children & Schools*, 39(3), 167–176. <https://doi.org/10.1093/cs/cdx009>
- Isakov, A.B., & Nunes, C. (2021). Policy brief on family support workforce skills literature. EurofamNet.
- Lucía JIMÉNEZ M<sup>a</sup> Victoria HIDALGO, La incorporación de prácticas basadas en evidencias en el trabajo con familias: los programas de promoción de parentalidad positiva. *Apuntes de Psicología Colegio Oficial de Psicología de Andalucía Occidental*, 2016, Vol. 34, número 2-3, págs. 91-100. Universidad de Cádiz, Universidad de Córdoba, ISSN 0213-3334.
- Karan, M. A superação de ideologia patriarcal e as relações familiares. In: Silveira, P. (Org.). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. P. 185-192.
- Kemp, S. P., Marcenko, M. O., Lyons, S. J., & Kruzich, J. M. (2014). Strength-based practice and parental engagement in child welfare services: An empirical examination. *Children and Youth Services Review*, 47, 27–35. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2013.11.001>
- Knight, C. (2015). Trauma-Informed Social Work Practice: Practice Considerations and Challenges. *Clinical Social Work Journal*, 43(1), 25–37. <https://doi.org/10.1007/s10615-014-0481-6>
- Leake, R., Holt, K., Potter, C., & Ortega, D. M. (2010). Using Simulation Training to Improve Culturally Responsive Child Welfare Practice. *Journal of Public Child Welfare*, 4(3), 325–346. <https://doi.org/10.1080/15548732.2010.496080>
- Lemos, Suziani; Neves, Anamaria. OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO SUJEITO NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE DE FAMÍLIA E CASAL. *Psicologia Clínica*, vol. 31, núm. 1, 2019, Janeiro-Abril, pp. 55-75 Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A03>
- Lindsay, S., Tétrault, S., Desmaris, C., King, G., & Piérart, G. (2014). Social Workers as “Cultural Brokers” in Providing Culturally Sensitive Care to Immigrant Families Raising a Child with a Physical Disability. *Health & Social Work*, 39(2), e10–e20. <https://doi.org/10.1093/hsw/hlu009>

- Littell, J. H. (2001). Client participation and outcomes of intensive family preservation services. *Social Work Research*, 25(2), 103–113. <https://doi.org/10.1093/swr/25.2.103>
- Littell, J. H., & Tajima, E. A. (2000). A Multilevel Model of Client Participation in Intensive Family Preservation Services. *Social Service Review*, 74(3), 405–435. <https://doi.org/10.1086/516411>
- Lopes et al., 2011, Buenas Praticas profesionales para el apoyo a la parentalidad positiva. FEMP. Gráficas Nitral.
- Lopes, A., & Cavalcanti, M. (2014). Trabalho docente e formação. In *CIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas* (Vol. 4).
- Magnuson, D., Patten, N., & Looyesen, K. (2012). Negotiation as a style in child protection work. *Child & Family Social Work*, 17, 296-305. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2011.00780.x>
- Magalhães, C.A. & Batista, M. (2021) Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências / organizadores - 1. ed. -- Maringá, PR : Gráfica e Editora Massoni, 2021.
- Ministério dos Direitos Humanos. (2022). *Família e Capital Social*. GOV.: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/politicas-familiares-o-que-sao/natureza-e-caracteristicas-da-familia>
- McLendon, T., McLendon, D., Dickerson, P. S., Lyons, J. K., & Tapp, K. (2012). Engaging families in the child welfare process utilizing the Family-Directed Structural Assessment Tool. *Child Welfare*, 91(6), 43–58.
- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A., & Group, P.-P. (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic Reviews*, 4(1), 1. <https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1>
- Negotiation as a style in child protection work. (n.d.). In *Child & Family Social Work* (Vol. 17, Issue 3, p. 296). <https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2011.00780.x>
- Nunes, C., & Ayala, M. (2010). Communication techniques used by pediatricians during well-child program visits: A pilot study. *Patient Education and Counseling*, 78(1), 79–84. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.pec.2009.06.015>

British Journal of Social Work Advance Access publicado em 4 de março de 2015 Jornal Britânico de Serviço Social (2015)1–18 doi:10.1093/bjsw/bcv015 Implementação de Práticas Firmes, Justas e Amigáveis: Um Modelo para Relações de Proteção à Criança Baseadas em Pontos Fortes? Carolyn Oliver\* e Grant Charles

Oliver, C., & Charles, G. (2016). Enacting Firm, Fair and Friendly Practice: A Model for Strengths-Based Child Protection Relationships? *The British Journal of Social Work*, 46(4), 1009–1026. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcv015>

Organizações das Nações Unidas (ONU). Convenção Internacional sobre direitos das crianças. Aprovada na resolução 44/25 da Assembléia geral das Nações Unidas. Genebra. 1989.

Platt, D. (2008). Care of control ? The effects of investigations and initial assessments on the social worker-parent relationship. *Journal of Social Work Practice*, 22(3), 301–315. <https://doi.org/10.1080/02650530802396643>

Rawlings, M. A., & Blackmer, E. R. (2019). Assessing engagement skills in public child welfare using OSCE: a pilot study. *Journal of Public Child Welfare*, 13(4), 441–461. <https://doi.org/10.1080/15548732.2018.1509760>

Rocha, L. P., Almeida, M. C. V. de, Silva, M. R. S. da, and Cezar-Vaz, M. R. (2011). Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães. In *Acta Paulista de Enfermagem* (Vol. 24). scielo .

Rowlings, M & Backmer, E..(2019) Assessing engagement skill in public child welfare using OSCE: a pilot study, Journal os Public Child Welfare, 13:4, p 441-4461, DOI

Rawlings,M. & Blackmer, ME (2019) Assessing engagement skills in public child welfare using OSCE: a pilot study, Journal of Public Child Welfare, 13:4, 441-461, DOI: 10.1080/15548732.2018.1509760. <https://doi.org/10.1080/15548732.2018.1509760>

Rollins, W. (2020). Social Worker–Client Relationships: Social Worker Perspectives. *Australian Social Work*, 73(4), 395–407. <https://doi.org/10.1080/0312407X.2019.1669687>

Sheppard, M., & Clibbens, J. (2015). Preventive therapy and resilience promotion: an evaluation of social work led skills development group work. *Child & Family Social Work*, 20(3), 288–299. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/cfs.12077>

- Sims, D. (2011). Achieving Collaborative Competence through Interprofessional Education. Lessons Learned from Joint Training in Learning Disability Nursing and Social Work. *Social Work Education*, 30(1), 98–112. <https://doi.org/10.1080/02615471003748056>
- Stabler, L., Wilkins, D., & Carro, H. (2020). What do children think about their social worker? A Q-method study of children’s services. *Child & Family Social Work*, 25(1), 118–126. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/cfs.12665>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using Multivariate Statistics* (7th ed.). New York: Pearson Publishers.
- The Harvard Family Research Project. (2017). *Workforce Development*. <https://archive.globalfrp.org/other-research-areas/workforce-development>
- Tippins, N. T. (2008). The importance of professional affiliations and service to the professional society. In *The I/O consultant: Advice and insights for building a successful career*. (pp. 255–262). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/11755-030>
- Tregeagle, S. (2010). Red Tape or Gold Standard? Australian Service Users’ Experiences of Child Welfare Case-Managed Practice. *Australian Social Work*, 63(3), 299–314. <https://doi.org/10.1080/0312407X.2010.497967>
- Trevithick, P. (2000). SOCIAL WORK SKILLS Pamela Trevithick. *Social Work Skills A Practice Handbook*, 1–28.
- Trotter, C. (2002). Worker skill and client outcome in child protection. *Child Abuse Review*, 11(1), 38–50. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/car.719>
- Turney, D., & Tanner, K. (2001). Working with neglected children and their families. *Journal of Social Work Practice*, 15(2), 193–204. <https://doi.org/10.1080/02650530120090638>
- Vida, C. P. da C., & Silva, C. C. B. da. (2022). Práticas de ajuda oferecidas às famílias em programas de Intervenção Precoce na Infância em Centros Especializados em Reabilitação. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Vol.
- Vieira, F. S. (2009). Avanços e desafios do planejamento no Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Vol. 14.
- Westlake, D., & Jones, R. K. (2018). Breaking Down Language Barriers: A Practice-Near

Study of Social Work Using Interpreters. *The British Journal of Social Work*, 48(5), 1388–1408. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcx073>

Whitton, C., Williams, C., Wright, B., Jardine, J., & Hunt, A. (2008). The role of evaluation in the development of a service for children with life-limiting conditions in the community. *Child: Care, Health and Development*, 34(5), 576–583. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2008.00860.x>

Winter, K. (2009). Relationships matter: the problems and prospects for social workers' relationships with young children in care. *Child & Family Social Work*, 14(4), 450–460. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1365-2206.2009.00628.x>

Wolfe, V. (2014). The voice of the parent: Perceptions of the United Kingdom resilience programme. *Educational and Child Psychology*, 31, 58–71.

Woodcock, J., & Tregaskis, C. (2008). Understanding Structural and Communication Barriers to Ordinary Family Life for Families with Disabled Children: A Combined Social Work and Social Model of Disability Analysis. *The British Journal of Social Work*, 38(1), 55–71. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcl065>

Zegarac, N., Isakov, A. B., Nunes, C., & Antunes, A. (2021). Workforce Skills in Family Support: A Systematic Review. *Research on Social Work Practice*, 31(4), 400–409. <https://doi.org/10.1177/10497315211006184>

Zerbetto, S. R., Cid, J. M., Gonçalves, A. M. de S., and Ruiz, B. O. (2018). As crenças de família sobre dependência de substâncias psicoativas: estudo de caso. In *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* (Vol. 26). Scielo.

## **8. Anexos**

<b>Quadro 2 - Participantes</b>						
<b>Questões 16,17,18,19,e 20</b>						
	Sexo	Idade em anos	Anos de experiência	Qual o tipo de instituição	Profissão/posição	Estado do Brasil
1	Masculino	52	23	Instituição governamental	Psicólogo	Rio de Janeiro
2	Feminino	45	16	Instituição governamental	Psicóloga	Rio de Janeiro
3	Feminino	50	27	Universidade e consultório particular	Professora e psicóloga	Rio de Janeiro
4	Masculino	53	22	Instituição governamental	psicólogo	Rio de Janeiro
5	Feminino	55	27	Consultório	Pedagoga e Psicopedagoga Clínica e Institucional.	Rio de Janeiro
6	Masculino	65	38	Consultorio particular	Autônomo	Rio de Janeiro
7	Feminino	38	13	Consultório próprio, Perícia e Assistência Técnica nas Varas de Família	Psicóloga Perita	Rio de Janeiro
8	Feminino	60	33	Consultório particular e de Assistência Judiciária	Psicóloga Clínica e Perita Forense	Rio de Janeiro
9	Feminino	52	30	Consultório particular	Psicanalista	Rio de Janeiro
10	Feminino	54	38	Psicólogo	Psicóloga ( Clínica e Perita examinadora do trânsito).	Rio de Janeiro
11	Feminino	43	20	Clínica	Psicóloga	Sao Paulo
12	Feminino	49	10	Empreendedora	Educadora Parental, Psicologa.	São Paulo
13	Feminino	45	20	Instituição governamental	psicologo	Rio de Janeiro
14	Masculino	33	10	Clínica particular	Autônomo	São Paulo
15	Feminino	48	25	Consultório particular	Psicóloga/psicanalista	Rio de Janeiro
16	Feminino	61	36	Justiça da Infância e da Juventude	Psicóloga	Rio de Janeiro
17	Feminino	47	15	Psicólogo	Psicóloga	Rio de Janeiro
18	Feminino	59	25	Clínica particular	Psicanalista	Rio de Janeiro
19	Feminino	38	15	Instituição governamental	Psicóloga clínica	Rio de Janeiro
20	Feminino	55	7	Clínica e forense	Perita e psicóloga clinica	Rio de Janeiro
21	Feminino	61	30	Instituição governamental	Psicóloga e Terapeuta de Família	Rio de Janeiro
22	Feminino	69	10	Clínica	Psicóloga	Rio de Janeiro
	Masculino 4	51,45	22,27	Distribuidos em:	Distribuidos em:	Rio de Janeiro 19
	Feminino 18	Média	Média	Consultório Paicticular 12	Psicólogos 22	São Paulo 3
				Instituição Governamental 6	Peritos Forenses 4	
				Justiça 4	Pscanalistas 4	
				Empreendedor 1	Educadores e professores 3	
				Universidade 1	Psicopedagogos 1	
					terapeutas Familiar 1	

<b>Cronograma Proposto</b>												
Meses	jul	Ago	set	out	nov	dez	jan	fev	Mar	Abr	Mai	Jun
	Revisão da literatura											
Atividades		Elaboração e testagem de instrumentos										
			Recolha de dados									
							Tratamento e análise de dados					
								Discussão dos resultados				
										Redação final e entrega		

		Cronograma realizado														
Meses		jul	Ago	set	out	nov	dez	jan	fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Atividades	Revisão da literatura	x														
	Elaboração de instrumentos		xx													
	Testagem de instrumentos				x	x	x	x	x	x	x					
	Recolha de dados											x				
	Tratamento e análise de dados											x	x			
	Discussão dos resultados												x	x	x	
	Redação final e entrega														x	x

**Anexo : Todo o questionário e suas respostas**

